

FOZ CAIU NA GANDAIA

Cobertura completa do carnaval nos clubes - Da página 14 a 20



**Prefeito tem vergonha
de ser
coronel?**

Página 12



**Itaipu é
campo de
concentração**

Páginas 8, 9, 10 e 11

Nosso tempo

CRS 20 Foz, de 04 a 11/03/1981

Ano 1 - N° 13



**Mais
tortura:
Polícia
quase
mata
outro**

Página 6



**A verdade
sobre
o caso
Hélio
Maurício**

Página 4



EDITORA NOSSO TEMPO
 CGC — 75.088427/001
 Rua Cândido Ferreira, 811
 Vila Iolanda
 (85890) Foz do Iguaçu — Pr.
 Telefone: (0455) 74-2344
 Sócios proprietários
 Aluizio Ferreira Palmar
 Evandro Stelle Teixeira
 Eloy Adail Brandt
 José Cláudio Rorato
 José Leopoldino Neto
 Jessé Vidigal
 João Adelino de Souza
 Juvêncio Mazzarollo
 Severino Sacomori
 Sérgio Spada
 Diretor responsável
 Juvêncio Mazzarollo

Nosso tempo

Editores
 Aluizio Ferreira Palmar
 João Adelino de Souza
 Juvêncio Mazzarollo
 Diagramação
 Jessé Vidigal
 Colaboradores
 Antonio Vanderli Moreira
 Vera Maria Ribas
 Representante em Curitiba
 G. Cadamuro, Praça Zacarias 80
 7º andar, conj. 708 —
 Fone: 223-9524
 Composição
 Editora Nosso Tempo Ltda.
 Impressão:
 J. S. Impressora Ltda.
 Rua 6, Jardim Maria
 de Fátima — Cascavel — Pr.

Os melhores dias

O Carnaval é motivo para muita coisa. O Carnaval é muita coisa. É com o nome de Carnaval que o povo faz festa, descansa uns dias (ou cansa no que fica em descanso o resto do tempo). O samba, o movimento, a veste sumária, o sexi e o sexo, a fumaceira e a birita são o Carnaval e o Carnaval é tudo isso — ao contrário de quase todos os outros dias, sempre tão sisudos. Os corpos se reencontram. Em movimento. Em busca de novas experiências físicas e mentais. Fatos rigorosamente maravilhosos acontecem. As cores e os sons são reencontrados. As almas e as peles lisas se poêm mais a descoberto. Poê-se beleza até onde há feiúra. Troca-se o salgado pelo doce, o fortificante pelo estonteante numa real festa de liberdade. Mesmo para quem não participa diretamente.

É muito complexo o Carnaval, porque é feito de muitos elementos da vida individual e social. Ele tem lados de todos os matizes, desde o grandioso até o ridículo. É uma grande festa, um componente do povo porque ela articula, mexe com tudo e todos de um modo ou de outro. O Carnaval põe as pessoas mais a descoberto. A descontração que o Carnaval carrega consigo revela, libera enormes entulhos de constrangimentos, fobias, preconceitos sufocados dentro dos indivíduos e grupos. É particularmente interessante o caráter folclórico das puações nos clubes de toda parte. "Pular Carnaval" — de tanga, topless, shorts tão "short" que desaparecem para revelar o quanto de maravilhoso passa tanto tempo escondido. A mais forte expressão de alegria através de movimentos é o pulo. E o Carnaval não é dançado. É pulado! O povo "pula o Carnaval" — sinal de festa máxima. Quando é o som que exprime a alegria o som é forte. E forte, fortíssimo é o som do Carnaval. O Carnaval lembra a cultu-

ra, o esporte, a música, a arte. O Carnaval é a própria cultura, a arte, o esporte do brasileiro, ao ponto de haver um consenso internacional em associar este povo a esta festa. O vínculo do povo com o Carnaval é nitido, irrefreável. Seja num agrupamento desordenado de pessoas vestidas (fantasiadas) com o uniforme do Corinthians ou de enfermeira de Santa Casa, seja num elegantíssimo, luxuoso desfile de fantasias dos clubes cariocas ou nos grandiosos, fantásticos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, em todos esses momentos, nesses ambientes todos há todo um modo de vida de um povo que se manifesta. A rigor, nada existe de degenerado nas atualizações anuais do Carnaval. Os homens têm inestimável capacidade de modificar, dar aos seus gostos e interesses a forma de seu tempo. Tudo é empolgante — a correria desordenada sob músicas adulteradas dentro dos salões de baile das folclóricas comunidades do interior, como também a artística, sofisticada perfeição dos grandes espetá-

culos carnavalescos dos grandes centros. Enfim, por muitas razões, os dias do Carnaval são melhores que os outros. — Os Editores



CARTAS

Considerações sobre baboseiras

Senhor Editor:

Lendo uma reportagem do jornal **Nosso Tempo**, datada de 11 a 18.02.81, sob o título O Tio Patinhas de Foz, na qual o entrevistado alardeava seu sucesso econômico e financeiro, além de outras baboseiras, gostaria de tecer sobre a mesma algumas considerações.

Lamentável, quando mais não seja, foi a declaração do Sr. Laurindo Ortega ao afirmar: "se fosse prefeito, mendigo não entraria na cidade". Ora, vejam só!

Foi simplista, desumano e de uma estultice a toda prova, revelando que seus conhecimentos sobre Sociologia, Antropologia ou mesmo Política são de uma probreza franciscana. É público o notório que o Sr. Ortega ignora um dos princípios mais elementares do Direito: o direito de ir e vir, assegurado a todo cidadão (seja ele um mendigo ou um tio patinhas) e consubstanciado em nossa carta magna, a Constituição. Será que não basta o estado deplorável no qual vive a grande parcela da nossa população, onde pobres trabalhadores, às vezes, não têm dinheiro sequer para sua condução e ainda vem um troglodita desses a arrotar grandezas e a

se posicionar como um aprendiz de zombeteiro diante da desgraça e misérias alheias?

Ninguém quer saber se é ele quem possui uma das maiores mansões da região, e tampouco qual é a dimensão e procedência de sua fortuna, ganha só Deus sabe como, provavelmente a ferro e fogo; todavia eu ainda fico com o escritor francês Honoré de Balzac que sentenciou: "por trás de toda fortuna sempre existe um crime". Antes de proibir a entrada de mendigos na cidade, como quer o Sr. Ortega, deveria procurar saber as causas que determinam o surgimento e proliferação dessa sofrida e injustiçada classe social.

Todos sabem que no Rio de Janeiro, há alguns anos, por obra e graça de mentes diabólicas, para o mesmo tipo de problema (os mendigos) a solução encontrada foi ainda a mais deletéria do que a ventilada pelo Sr. Ortega: as infelizes criaturas, simplesmente, desapareciam na voragem das águas dos rios, sendo depois trituradas pelos peixes e quejandos. Rafael Trujillo, ditador dominicano, de tão triste memória, jogava em reservatórios infestados de tubarões pessoas que, segundo sua absurda convicção, eram consideradas "inconvenientes".

A apologia 'orteguista', que seria cômica se não fosse trágica, traz em sua esteira, em última análise, algo de satânico.

Ainda bem que, como disse o distinto, não se mete em política. E oxalá que nunca faça, caso contrário, um novo Nero travestido de Trujillo estará pintando por essas bandas.

Braulio Cardozo
Foz do Iguaçu — Pr.

Muito bem, Braunilio, você foi bastante feliz na análise da entrevista do antisocial Ortega. Nosso objetivo ao fazer a entrevista foi o de retratar figuras de Foz do Iguaçu deste nosso tempo.

Dentro de alguns anos, quando nossos filhos ou netos lerem este documentário, ficarão surpreendidos e dificilmente acreditarão que tenha existido em alguma época atrás uma pessoa tão ignorante e egoísta como Laurindo Ortega. Os leitores estão julgando esta triste figura, cria de um sistema que coloca o Homem como objeto do capital. No dia em que vivermos numa sociedade fraternal onde não existem explorados nem exploradores, as memórias dos Ortegas serão nada mais que uma refe-

rência aos tempos de injustiça e opressão em que vivemos.

Entre Foz e Moçambique

Amigos:

"Agradeço os jornais que me enviaram aí de Foz. É muito bom. Eu, como os demais brasileiros aqui em Moçambique, estou um pouco alheia à situação interna de nossa terra. O NOSSO TEMPO fez o maior sucesso aqui em Moçambique dentro e fora da colônia de brasileiros.

Em Moçambique muito já se tem feito a passos largos. Temos imensas dificuldades, pois o inimigo se infiltra em todas as partes e, camuflado, sabota. Por outro lado, já temos as milícias populares que são camponeses e operários organizados que neutralizam atos de sabotagem de grande envergadura.

Temos já lá no mato muitas Aldeias Comuns que agrupam o povo anteriormente disperso pelo mato fugindo dos colonialistas portugueses. Hoje as Aldeias Comuns têm um posto médico, cooperativa agrícola, cooperativa de consumo, escola e algumas têm até telefone público e cinema.

Apesar de Moçambique ter muitas riquezas, infelizmente não tem quadros técnicos. Basta dizer que, logo após a independência, 99 por cento da população era analfabeta e muitos ainda não falam o português, existindo mais de dez línguas em toda Moçambique.

A comunidade latino-americana aqui em Moçambique é muito grande. Há chilenos, brasileiros, argentinos, uruguaios e colombianos. Todos são técnicos cooperantes, como eu. Não quero dizer que todos estão aqui por idealismo; há também aqueles que vêm para cá por dinheiro. A situação na África atualmente é perigosa. O Egito permitiu bases americanas no seu território depois da vergonhosa traição aos países árabes quando da assinatura do acordo de Camp David. A Somália também, juntamente com o Kênia, cedeu para o imperialismo norte-americano suas bases. Há uma grande tensão no Oceano Índico, onde os americanos tentam jogar todo seu complexo bélico contra os povos desta região. Na África do Sul, onde o racismo, a apartheid é ver-

gonhoso, onde a discriminação racial é uma das mais berrantes na face da terra, a luta cresce e o governo de Pretória está aos trancos e barrancos. Contudo, é comum o fascismo torturar, matar, humilhar seres humanos, principalmente quando o vento da revolução e a voz do povo começa ecoar com força.

"Bom, vou terminando por aqui parabenizando vocês pelo excelente jornal que estão fazendo e augurando amplo sucesso a essa iniciativa e vocês".

Maria Madalena
Maputo (Moçambique),
20 de janeiro de 1981.

— Nosso Tempo foi à África e agradeceu. Muito Bem. E a Madalena, qual é a da Madalena ficar em Moçambique ajudando o povo a se libertar? Venha ao Brasil, moça! Venha libertar seu povo. Ou então, liberta aí; depois vem ajudar a gente libertar aqui também.

É um jornalzão.

"Jessé, estive lendo o seu jornalzinho e cheguei à conclusão que é um jornalzão.

Espero que continue enviando jornal. A turma aqui curte adoidado. Vão fazendo a cabeça do povão aí, tá?

Geraldo Scheiffer
Maringá — Pr.

— Fique tranquilo que o "jornalzinho" (ou será jornalzão?) continuará indo até vocês aí em Maringá. Em troca, vocês têm que escrever dando um plá prá gente melhorar ainda mais. Valeu?

Aberto e revolucionário

Caros Editores:

"É a segunda vez, em 2 anos, que tenho de passar por Foz do Iguaçu e, surpresa, encontrar o "Nosso Tempo" tão aberto e revolucionário, isto, de maneira especial, quanto à página "Opinião". De onde tiram tanta coragem?

É ótimo encontrar irmãos assim. Tudo o que vocês refletem nós experimentamos em fatos e pessoas concretas por esse Brasil afora.

Depois de um tempo de Nordeste, nasceu um livrinho que dedico a vocês com alegria. Nele encontrarão reflexos bastante fortes do que angustia a vocês também e, graças a Deus, a um número sempre maior de brasileiros.

Gostaríamos de receber sempre, lá em Porto Alegre, todos os números do Nosso Tempo. Nosso problema é financeiro. Somos uma pequena fraternidade leiga que tenta fazer caminho como pôde entre os oprimidos. Fomos a Foz na condição de mochileiros pedindo carona. Estamos pensando numa 2ª edição do nosso livro e gosta-

riamos de receber uma prévia apreciação sua.

Como poderíamos fazer para obter uma assinatura do Nosso Tempo com abatimento?

Coragem e prá frente sempre!"

Rafinha
Porto Alegre — RS.

Rafinha, vocês estão com problemas financeiros? Que milagre! Nós pensávamos que ninguém tivesse esse tipo de problema. Como estamos por fora! "Abatimento na assinatura do Nosso Tempo?" Mãe de Deus! Fica tranquila que vais recebê-lo sempre, sem ônus. O livro? O livro de vocês já foi devassado aqui na redação e foi considerado ótimo. Podem reeditá-lo, e boa sorte.

Comissários de menores

Foz do Iguaçu, 27 de fevereiro de 1981.

Prezados Senhores

Dificilmente existe uma cidade que tem um juizado de Menores tão desorganizado e indisciplinado como o de Foz do Iguaçu. Sabemos que no quadro de comissários há vários elementos, mas estes não tem serventia para nada. Apenas o que fazem é aproveitar a carteirinha para entrar de graça nos cinemas, clubes, discotecas e outros.

Quando pinta um circo na cidade aí aparecem cinquenta elementos com carteirinha de comissário; além disso ainda levam oito a dez elementos em sua companhia para entrar sem pagar, sendo que os proprietários do circo vivem reclamando, e dizem que até três pessoas ainda vá lá, mas dez é fora de limite.

Esses comissários de nossa cidade são mesmo irresponsáveis. É por isto que acontecem tantos furtos e consequências aqui em Foz. Como não existe fiscalização por parte do Juizado, os menores dominam a cidade, fazendo o que bem entenderem. Em Foz a proibição e a censura são desconhecidas.

Filmes escandalosos como "Laranja Mecânica", "Chica da Silva", "Emmanuelle" e outros piores são tranquilamente assistidos por infantes.

As discotecas, clubes, quifas, "fura-buchos", casas de prostitutas, casas de jogos, bares, lanchonetes, estão superlotados a noite toda até o amanhecer. Os menores ficam embriagados, praticam desordens e bagunçam a cidade.

A única coisa que estes co-

Advocacia em geral
Adolpho Mariano da Costa

R. Minas Gerais, 1699.
Fones: 64-1206 e 64-1277.
Medianeira - Pr.

Escritório
ter boy

Contabilidade, abertura e encerramento de firmas, contratos, declarações de bens, etc.

Travessa Cristiano Weirich, 91
Ed. Metropole, 1º andar - Sala 108.
Fone: 74-1611.

CASA DE UMBANDA Ogum Guerreiro

Artigos religiosos em geral
Consultas com a Professora DENAIDE

R. Alfredo Chaves, Sala 13
Prédio da Rodoviária
São Miguel do Iguaçu — Pr.

FOTO AVENIDA CHICO

Reportagens fotográficas e materiais fotográficos em geral.

AV. BRASIL, 706 —
FONES: 73-1012 E 73-1646
FOZ DO IGUAÇU.



Pato,
Peixes,

Salsichas, Coelhos,
Frango, Filets, Pizzas,
Lanches e Massas.

Feijoada aos sábados.

CHOPP CENTER

RESTAURANTE E CHOPARIA

R. Santos Dumont, 1084
Fone: 74-2563 — Foz do Iguaçu



missários têm coragem de fazer e prender essas crianças que estão trabalhando na cidade. Destas criaturas a maioria não têm pais, saem da cidade a vender verduras, frutas e outras coisas. Os comissários tomam os objetos das crianças e ainda prendem. Isto é uma grande covardia. Eles querem mesmo é que as crianças virem marginais e roubem.

Os fumeiros, fumeiras, vagabundos, vagabundas, marginais andam tranquilamente em qualquer lugar dia e noite.

Casas de prostitutas perturbando a tranquilidade e desrespeitando as famílias iguaçuenses são demais. A população reclama mas não adianta.

E ainda dizem que aqui há Juizado de Menores. Será que é só o nome? Esperamos que o Ilmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Vara Criminal e de Menores nomeie elementos instruídos, responsáveis, de moral e capacitados para exercer tão brilhante cargo e defender a moral do povo iguaçuense, e que o quadro de comissários seja elogiado e respeitado. Porque no momento os elementos que estão agora são incapacitados e irresponsáveis.

Muito obrigado pela sua cortesia, senhores do NOSSO TEMPO.

Ricardo Pereira Noski

— É isso, Ricardo, estes comissários não estão com nada, continue dando "pau" nesta turma. E também nestes filmes "escandalosos" tais como "Laranja Mecânica", "Emmanuelle" e outros. Criança tem mais é que ir ver o "Superman" e "Disneylândia". As laranjas e emmanuelles ele já vê em casa ao vivo.

É isto mesmo precisamos dar um pau nesta imoralidade de polícia assaltando (usam até menores, você sabia!) torturando e matando no "pau-de-arara". Isto é um atentado a integridade do ser humano, nosso semelhante. Nossos menores estão ficando traumatizados e deixando de serem crianças diante de tanta brutalidade policial.

Juvêncio tem razão.

Senhores Editores:

"Escrevo para dizer que considero o jornal Nosso Tempo uma rara e reconfortante exceção na imprensa do Paraná. O Juvêncio tem razão quando diz que a imprensa paranaense é uma vergonha. Só existe puxa-saco mamando nas tetas do governo, das autoridades daqui e dali. Só publicam o que dizem e fazem os "tubarões". O povo não tem vez nem voz. Quando o povo faz alguma coisa, algum movimento, a imprensa vai ouvir

o que os magnatas têm a dizer. Mas não dão cobertura para defender os interesses do povo.

"Nosso Tempo", porém, é um jornal do povo. É onde o povo é mais importante que as autoridades e os figurões. Há também o incipiente "Fala, Paraná", de Londrina. Li e gostei desse também. Não sei. Posso estar por fora, mas não sei de outro jornal no Paraná que tenha essas elogiosas características.

Força, pessoal!"

Arlindo Lorenzetti
Medianeira — Pr.

— Vamos parar com as comparações? É melhor. Deixa cada um fazer o que bem entende. Assim nós também poderemos fazer o que bem entendemos. Obrigado pelas considerações, Arlindo. Mas você não acha que algum dia vamos todos para a cadeia por defender os injustiçados?



Informando as atividades

Amigos do NOSSO TEMPO

Queremos notificar o recebimento do jornal NOSSO TEMPO, além de agradecer o envio deste órgão de imprensa e parabenizar a excelente matéria sobre a Amazônia que saiu num dos últimos números do mesmo.

Remetemos esta correspondência no sentido de enviar informes de nossas atividades, além de outras questões relativas à nossa luta.

Do dia 01 a 04 de fevereiro fizemos uma panfletagem de cerca de 1.500 panfletos na Universidade Católica do Paraná, durante a realização do vestibular (panfleto segue anexo).

Do dia 12 a 16 montamos banca de materiais, durante a realização do CONEG (Conselho Nacional de Entidades Gerais da UNE), que reuniu cerca de 300 estudantes provenientes de todo o Brasil, onde vendemos cartazes, livros, camisetas e boletins.

Atualmente estamos articulando contatos para encaminhar no dia 31 de março, escolhido como Dia Nacional de Luta pelo

Monopólio Estatal do Petróleo.

Afora o relato de nossas atividades, gostaríamos de avisá-los que durante os dias 7 e 8 de março, em Curitiba, será realizada a Reunião Regional Sul, que discutirá propostas a serem encaminhadas nos dias 21 e 22 de março no próximo Encontro Nacional.

Saudações

Jussara Regina Branco
Comitê de Defesa
da Amazônia e do Meio
Ambiente de Curitiba
Rua Ébano Pereira, 114
Curitiba

— Nessas lutas todas, procuramos fazer a parte que nos toca. No que for possível, estaremos sempre à disposição para divulgar as realizações e propostas do seu Comitê. Bom trabalho, Jussara.

Tortura está legalizada?

"Prezados Senhores:

"Todos os números deste jornal têm feito referências à tortura. Não sei se isto é bom ou mau para o cidadão.

"A defesa do direito à integridade física dos indivíduos é, sem dúvida, nosso problema principal neste País.

"Acredito piamente que pessoas humanas são sagradas (na falta de termo melhor). A integridade física e mental das pessoas deve ser preservada a qualquer preço e acima de qualquer outro pretexto. Violências físicas contra pessoas humanas são coisas particularmente ofensivas, deprimentes e irritantes, que não podem passar em branco.

"A denúncia pura e simples de torturas, como vem sendo feito pelo jornal **Nosso Tempo**, es-

tão favorecendo não aos cidadãos, e sim aos torturadores.

"Os fatos denunciados foram apurados? Torturadores foram punidos?"

"Caso isso não ocorra, as denúncias favorecem apenas aos torturadores, pois confirmam sua impunidade. Os torturadores são denunciados publicamente e não sofrem a mínima punição. Sentindo-se ilesos, continuam a prática com sempre maior desenvoltura, possivelmente conscientes de que seu comportamento é legal.

"E a lei que está em jogo, e os responsáveis pelo cumprimento da lei todos sabem quem são. A impunidade comprova que a tortura é um fato institucionalizado em nossa polícia e terminará por legalizar a tortura no País como prática normal.

"Diante desta situação, o que resta ao cidadão?"

"É necessário saber qual é a autoridade responsável pela integridade física do cidadão quando posto sob a tutela do Estado na condição de preso, detido ou suspeito. É preciso identificar precisamente o torturador: nome, endereço, função, quem é, como vive... É importante saber quem são os criminosos. É isto que o jornal deve informar: Os **nomes**, identificando os responsáveis por este estado de coisas. Nesse caso, em ocasião oportuna a população saberá manifestar o respeito que tem por esses senhores".

Foz do Iguaçu, 28 de fevereiro de 1981.
Roberto Ribas Lange.

— Na última sexta-feira os juízes do Fórum local estiveram reunidos. Sobre a mesa, um exemplar da última edição do **Nosso Tempo** com a já corriqueira denúncia de torturas praticadas por policiais contra detentos (culpados ou inocentes). "**Policia Mata Mais Um**"

RESTAURANTE EXECUTIVO COUNTRY CLUB

Serviço Internacional
Classe "A"
Atendimento a turistas e executivos.

Fone: 73-5146

ponto de encontro

A ala jovem de nossa sociedade se encontra na Discoteca Salvatti.

Toldos em lona e alumínio. Residencial e Comercial. Estruturas metálicas.

CASCAVEL TOLDOS

Fone: 73-4991 — Foz do Iguaçu.

Borracharia com máquina hidráulica/Especial para roda de magnésio.

Alinhamento e balanceamento eletrônico/Regulagem de motor com garantia de 3.000 Km/Retífica/Pintura/Chapeação/Consertos e instalações elétricas em geral/Representante dos pneus Dunlop, Pirelli, Goodrich e Baterias Durex.

Confie em quem lhe oferece o melhor.

Comércio Universal de Pneus Ltda.
Exportadora Universal de Pneus e Baterias Ltda.

Av. Juscelino Kubitschek, 1646 — (Em frente ao Bordin) — Foz do Iguaçu — Pr.

PSIU

Moradores precisam de helicóptero

Os moradores da Rua Chile, no Jardim América, disseram que para chegar em casa precisariam de um helicóptero, pois as ruas são intransitáveis. Quando chove, então, precisaria também de barcos. A buraqueira lá é simplesmente vergonhosa.

Apela-se à Prefeitura para ir à Rua Chile, desentupir bueiros, abrir valetas e aplinar as ruas. Ajuda esse povo, Prefeitura!

Moradores estão furiosos

Estamos enjoados de ouvir a Prefeitura dizer que a verba para asfaltar a Av. República Argentina já foi liberada e que as obras vão ser iniciadas. Faz mais de um ano que estão com esse papo. Enquanto isso os moradores vivem rosnando, com toda razão. Ou a Prefeitura asfalta aquilo, ou revela a trama que cerca essa obra sempre prometida e nunca realizada. Estamos cansados de reclamações daquele povo.

Governo, "empresariado, povo e o chamado povão enfim, toda a Nação está "careca" de saber a crise econômica que o país atravessa em detrimento da crise Mundial preço de petróleo e devirados, problemas internos de toda a natureza e ponha problemas nisso. Sabe-se, também, que crise gera ausência de verbas para empreendimentos governamentais e privados e, a falta do "vil metal", deixa a humanidade com os nervos à flor da pele.

Prêmio Mobral de Jornalismo

O editorialista que escreveu esse parágrafo aí merece ficar com todos os prêmios instituídos para jornalistas. Como pode alguém ser tão analfa e publicar um troço desses? Não vamos entregar dizendo de que jornal é isso aí, mas garantimos que não é do Nosso Tempo.

Existem realmente coisas que envergonham Foz do Iguaçu, sustentadas por otários caixas fortes. Rá, rá, rá!

Grandiosa festa domingo.

A comunidade católica do Jardim São Paulo estará promovendo uma grandiosa festa no próximo dia 08 de março (Domingo), e por isso está convidando o povo em geral para participar da festa. Haverá missa às 10:00 horas e logo após churrasco, frango assado, jogos, músicas e muita animação.

A renda da festa será destinada à construção da Igreja Católica do Jardim São Paulo. Quem dá a dica é o Sr. Benedito Dias Barbosa, Presidente da Comissão Organizadora da festa.

Mais cuidado, pessoal!

A Polícia Federal de Foz do Iguaçu apreendeu 3.915 tubos

Deu no Pasquim, nº 608

de lança-perfume em 1980. Agora, em 1981, só em dois meses apreendeu 2.306 — sinal de que o "barato" está cada vez mais cotado. E caro.

Nesse tempo de Carnaval o lança-perfume e outros babados estão na crista da onda. Quanta gente vai em busca de lenitivos e entra em fria, meu Deus!

Escola abandonada

Dizem que o Governo Estadual construiu uma escola no loteamento Campos do Iguaçu e que a mesma está entregue às urtigas. Contam que a escola está no meio do mato sem o menor cuidado, dando a impressão de que está desativada — como se tivéssemos chegado à superabundância em matéria de salas de aula.

Está dado o recado. Se não ajeitarem a escola, vamos lá e aí o pau vai comer solto. Autoridades, mexam-se enquanto é tempo.

Bronca Livre DO CONSUMIDOR

Ê, Ê, Ê, FUMACÊ. Á, Á, Á, FUMAÇA!

"Como bem disse o juiz Mayrink da Costa — é preciso que a justiça se atualize e passe a encarar de frente os novos hábitos da sociedade brasileira. Não só entre os jovens mas também entre pessoas com mais de trinta anos a maconha encontra numerosos adeptos. É quase impossível hoje se ir a uma festa em que não role um *baseadinho*. Por isto quero deixar registrado aqui nesta *Bronca Livre* a minha indignação contra a péssima qualidade da maconha encontrada ultimamente nas bocas e vapores da vida. Não só aqui no Rio como em São Paulo (fui lá pra conferir). Nós consumidores da doce erva há tempos estamos sendo — ano após ano — *servidos* cada vez pior. O fumo é uma palha. E agora com o verão em cima a coisa piorou. Onde está a defesa do consumidor de maconha? Vamos continuar nas mãos dos traficantes que ganham fortunas atravessando a maconha? Abaixo também os atravessadores da "erva maldita" (para alguns poucos, caretas, é claro). Quero a liberalização da canabis! Queremos milhares de consumidores sendo bem servidos! Só desta maneira, liberalizando, e que ficaremos satisfeitos e poderemos nos defender, não mais sendo obrigados a fumar esta *palha braba, poeira miserável* que nos forçam consumir na falta de coisa melhor". (Odrilho Afziar, Rio de Janeiro RJ)



Churrascaria bottega

Bufê americano quente e frio

30 pratos diferentes

Av. das Cataratas, 1177
Fone: 74-3384

CAEEB

COMPANHIA AUXILIAR DE EMPRESAS ELÉTRICAS BRASILEIRAS
AVENIDA RIO BRANCO, 138-141 ANDAR
RIO DE JANEIRO - RJ

A V I S O

DECLARAÇÃO DE RENDIMENTOS

Face a divergências apuradas nas Declarações de Rendimentos relativas ao ano base de 1980, já remetidas aos destinatários, comunicamos que até o próximo dia 10 de março serão distribuídas novas Declarações devidamente retificadas.

CAEEB - DRH/DCO - 24/fevereiro/81

CAEEB - Incompetência ou má fé?

A CAEEB — Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras —, empresa contratada por Itaipu, repetiu neste ano o erro que cometeu no ano passado. Entregou aos funcionários a Declaração de Rendimentos para que eles prestem contas ao Imposto de Renda, e deu informações erradas, para mais ou para menos.

Interessante é que o serviço é feito em computador — extremamente caro, é evidente.

Como podem errar dois anos consecutivos?

Acontece que, nessa trama, os que receberam notificação com importâncias abaixo do rendimento real, poderão utilizar a primeira notificação, burlando assim o fisco. E os que receberam uma notificação com valores mais baixos na segunda vez, utilizarão esta para a declaração.

Se a CAEEB errou na primeira notificação, bem pode errar na segunda também. Fica de olho, Imposto de Renda. Dá duro nesses burguesões de Itaipu — essa categoria que corroi o País e zomba do povo com suas mordomias.



Um belo programa social

Num folheto vindo de Moçambique está a seguinte relação de objetivos sociais da revolução popular vitoriosa naquele país africano:

Moçambicanos, Moçambicanas, Traçamos para os dez anos que agora se seguem uma tarefa exaltante: a tarefa de transformar radicalmente o nosso País. É um grande compromisso que assumimos. É um compromisso tão grande como aquele que assumimos em 25 de setembro de 1964, quando, com poucos soldados e poucas armas, decidimos enfrentar o colonialismo.

Nesta nova batalha, o inimigo que enfrentamos é o subdesenvolvimento. O seu exército é a fome, a nudez, a doença, a ignorância e a miséria. O nosso objectivo é liquidar completamente este exército de morte e de sofrimento que ainda nos oprime.

Queremos que, em 1980, a República Popular de Moçambique seja um país em pleno desenvolvimento para o socialismo avançado. Isto significa:

Um país onde há alimentação abundante para todos.

Um país onde todos têm roupa e calçado.

Um país onde haja habitação condigna para todos.

Um país com uma agricul-

tura desenvolvida.

Um país industrializado, dotado de uma indústria pesada.

Um país sem desemprego.

Um país com boas vias de comunicação, percorrido em todos os sentidos por camiões,

comboios, machibombos, aviões, linhas de electricidade.

Um país sem analfabetismo.

Um país onde todos têm acesso ao ensino, da escola primária à Universidade.

Um país com muitos jardins, parques, campos de jogos, centros de férias.

(Samora Machel)

Leite: o sufoco do consumidor

O leite subiu novamente. Leite não, porque o que se encontra é uma água tingida de branco. E à medida em que o leite encarece os vendedores dão a impressão de perderem sempre mais dinheiro. Dia desses um tal de Fernando foi comprar um litro de leite na padaria Nosso Pão. Fernando pediu que embrulhassem o saco plástico. Responderam-lhe que, se quisesse o embrulho, teria que pagar.

Ainda vai chegar o dia em que quem quiser comprar leite terá que levar o recipiente de casa, se não chegar o dia em que o povo vai ser proibido de tomar leite.



TORTURA

Policiais torturam Mateus

Chegamos no Hospital Ma-deirinha da Itaipu às 15 horas do dia 25. Na portaria perguntamos ao funcionário Luiz Carlos de Oliveira se podíamos falar com o rapaz que havia sido espancado pela polícia.

— **Vocês são parentes dele?**

— Não, somos do jornal Nosso Tempo e gostaríamos de entrevistá-lo.

Luiz Carlos olhou na lista e achou o nome dele: Mateus Montanha, quarto n°2.

— E então, podemos conversar com ele?

— **Um minuto.**

O rapaz consultou alguém pelo aparelho interno de telefone e seu sinal verde.

— **Vou acompanhar vocês até o quarto dele.**

Chegamos no quarto, e nos identificamos. Pedro Montanha mostrou seus ferimentos nas costas, no rosto, na cabeça e em outras partes do corpo. Em seguida começou a relatar os maus momentos que viveu nas garras da Polícia Civil:

"Foi ontem à tarde, dia 24. Eu fui na oficina mecânica lá no Porto Belo levar meu carro para trocar o amortecedor. Nisso chegaram cinco elementos e fizeram-me ir até a Delegacia de Polícia. Foram me empurrando prá dentro do carro dizendo que eu tinha praticado um assalto e que na Delegacia havia uma pessoa que faria o reconhecimento. Disse que não tinha praticado assalto algum e me prontifiquei a mostrar os documentos, mas eles não quiseram nem saber.

"Na Delegacia não havia ninguém para fazer o reconhecimento de que eles tanto fala-

ram. Me levaram numa salinha e foram falando:

— **Como é, val contar di-reitinho como foi o assalto?**

Eu perguntei: Contar o quê, se eu não fiz nada? Nem terminei de falar e começaram a me espancar. Eram 5 elementos. Um me surrava com uma bor-racha, o outro com um martelo daqueles de bater em pneus e o outro tinha um cabo de machado. Os outros dois me davam socos e ponta-pés. Um me empur-rava pro outro e todo mundo me surrando. Por diversas vezes cai no chão e eles me faziam levantar abaixo de pau. O sujeito que estava com o martelo me dava pancadas na cabeça e no pênis. Me deu duas marteladas, uma em cima do olho e outra na cabeça que me deixaram tonto. Dal começou a sair muito sangue. Eles haviam amarrado um pano na minha boca, que era prá abafar os meus gritos, e daí tiraram o pano e mandaram-me enxugar o sangue. Era um pano imundo. Enxuguei o sangue do meu rosto e daí eles mandaram-me secar as gotas de sangue que caíram no chão. Enquanto eu me abaixava para fazer o que eles mandaram, a pancadaria continuou. O cara do machado me batia com o cabo nas costas e o da boracha não escolhia lugar. Eu caía e levantava. Pedia para eles pararem de me surrar e deixarem eu provar quem eu era. Dal é que o negócio enfie-va. Quase me mataram de pau e se divertiam com meus gemidos. Enquanto uns batiam os outros ficavam dando gargalhadas e fazendo gracejos.

"Depois de me darem tanto laço que eu nem podia ficar de pé, perguntaram mais uma vez:

— **Como é, já refrescou a memória? Val contar como foi o assalto?**

Eu falava pra eles que nunca havia me envolvido com as-saltos, e pedia pelo amor de Deus para que parassem de me surrar, que eu iria provar que fa-

lava a verdade. O cara do mar-telo ficou furioso e falou:

— **Deixa comigo que eu vou acabar com a raça dele.**

"Me deu mais umas marte-ladas na cabeça e no pênis en-quanto os outros me enchiam de socos e ponta-pés. Quando vi-ram que eu estava desmaiado me jogaram na cela. Eu estava todo ensanguentado, escorria tanto sangue que até os presos ficaram com pena de mim. De repente ficou tudo escuro na mi-nha frente. Desmaiei."

"Quando recuperei os sen-tidos, os presos já haviam cha-mado os homens. Dal eles viram que eu estava feio mesmo e re-solveram me levar ao hos-pital. Me pegaram pelos braços e começaram a me arrastar e eu gritava de dor. O cara falou pra eu ficar calado senão iria levar mais pau. Me pegou pelas per-nas e me arrastou até um Bra-sília que estava estacionado atrás da Delegacia para me le-var até a Santa Casa.

"No caminho o cara arran-cava bruscamente e em seguida freitava para eu bater com a cabeça no carro. Ainda por cima mandava eu me agarrar. Como é que eu podia me segurar se esta-va todo quebrado?

Na Santa Casa o médico demorou pra me atender. Não sei o que aconteceu porque eu estava tonto, mas sei que esta-vam me trazendo de volta sem me medicar. O cara continuava correndo e freava bruscamente prá eu me machucar. Ouvi quan-

do ele falou pro outro:

— **Vamos levar ele pro mato e acabar de uma vez com a vida dele.**

Nesse momento, entra um médico no quarto e pergunta:

— **Vocês são parentes de-le?**

Respondemos que não, que éramos do setor de reportagem do jornal **Nosso Tempo**.

— **Como é que vocês en-traram aqui? Venham aqui fora que eu quero falar com vo-cês.**

Explicamos que na portaria autorizaram falar com o pa-ciente. O médico explicou:

— **Ele entrou aqui ontem à noite e acredito que ainda**

não pode receber ninguém.

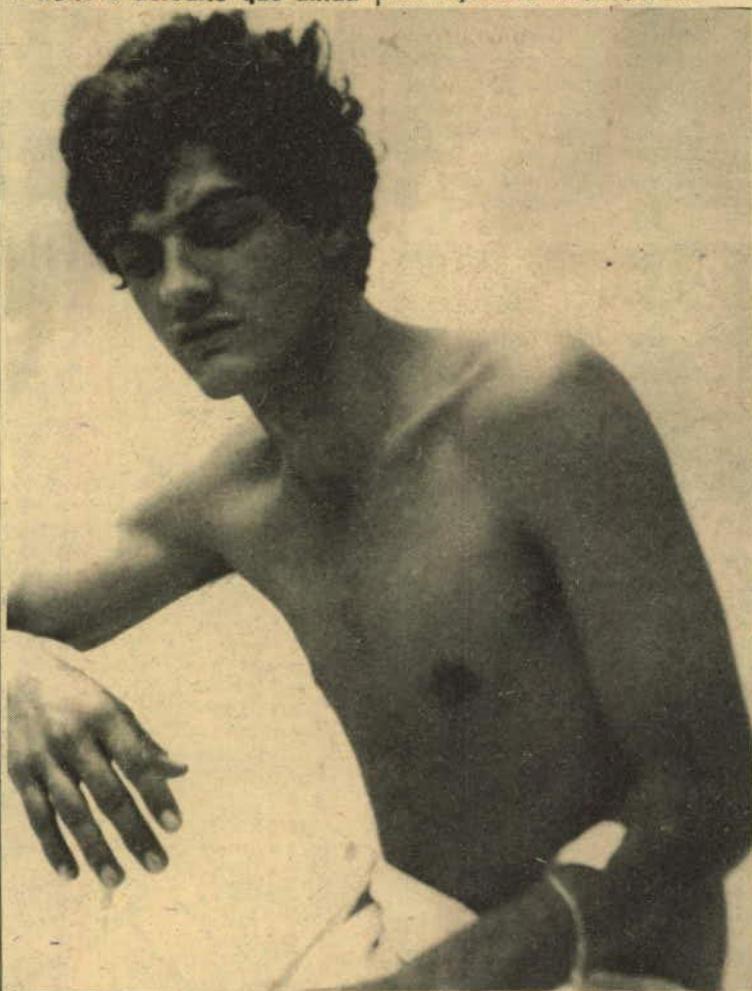
Perguntamos se podíamos, ao menos, conversar com o mé-dico que estava cuidando dele.

— **O médico que o aten-deu trabalho à noite e agora está em repouso.**

— Podemos voltar amanhã para conversar com o médico e terminar a entrevista com o ra-paz que foi espancado?

— **Qualquer informação pe-guem lá na portaria com o Ge-raido.**

Geraldo Martin Talavera, que a estas alturas estava em companhia do médico, acompa-nhou-nos à porta de saída e dis-se que poderíamos conseguir in-formações somente com ele.



escritório jurídico

Dr. Álvaro W. Albuquerque

Dr. Agenor de Paula Marins

Dr. José Claudio Rorato

Dr. Antonio Vanderli Moreira

Dr. Ademir Flor

Dr. Santo Rafagnin

R. Benjamim Constant, 45 Foz do Iguaçu



AMANHECER DO BRASIL

Comercial de Tintas Ltda.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO DE TINTAS CORAL EM FOZ DO IGUAÇU.

R. Jorge Samways, 465 — Fone: 74-2042. CEP 85890 — Foz do Iguaçu — Pr.

DANA

Mecânica e Peças Diesel Ltda.

Serviço de Bombas Injetoras Torno e Solda

R. das Guianas, 705 — Fone: 73-4931. Foz do Iguaçu — Pr.

Chegou a vez da Polícia Militar

Até hoje, a Polícia Militar de Foz do Iguaçu não sofreu críticas do jornal **Nosso Tempo** a não ser através de generalidades publicadas sobre o mau comportamento dos policiais das diversas categorias. Finalmente, a instituição gerou motivos para receber descargas diretas. O motivo é o de sempre: Agressão policial estúpida, comum a todos os organismos policiais em ação dentro da cidade.

No último dia 23, por volta das 19h30, a PM, através de dois agentes, caiu na bobagem de espancar Waldemar da Silva, 33 anos, sócio de Adorinha Da Fré Pires no Restaurante Itália, localizado à rua Rebouças, nº 748.

Waldemar havia estacionado seu Passat na rua Almirante Barroso, proximidades da rua Rebouças, e foi multado porque o carro estava estacionado muito próximo à esquina. Por coincidência, os funcionários da Prefeitura estavam no local para procederem à pintura das faixas de segurança na pista. Sem reclamar, o proprietário do veículo prontamente atendeu ao pedido de retirá-lo de lá, estacionando-o na rua Rebouças, proximidades da Divisa (concessionária da Chevrolet).

O PM, entretanto, não se conformou. Waldemar já estava em seu trabalho no Restaurante Itália, quando o policial (cujo nome o autuado desconhece) entrou e ameaçou de guinchar o veículo. "Por que vai guinchar?" — perguntou o dono do carro. "Porque você falou palavrão" respondeu o policial. (De passagem: Seria esta a penalidade prevista em lei para casos de desacato à autoridade policial?) Waldemar diz que não falou palavrão coisa nenhuma.

Nisso, o guarda sai para a

rua e vai ao encontro de um colega. Pouco depois, Waldemar também sai do restaurante para ir à sua casa. Levava consigo uma pasta com o dinheiro e um revólver que usa para sua defesa. Os policiais foram atrás dele, desconfiados de não se sabe o quê. De repente os policiais o chamam e o calçam no revólver. "Alto lá! Não se mexa que leva chumbo!" Waldemar não reagiu e deixou simplesmente sua pasta cair no chão. Ato contínuo, um dos policiais deu-lhe uma corronhada no rosto, enquanto o outro policial recolheu a pasta, partindo em seguida para duras agressões, com pontapões de revólver no rosto, nos braços, nas costas e na barriga da vítima. Em questão de segundos Waldemar estava sendo agredido violentamente pelos dois PMs a coices, murros e corronhadas. O resultado mais visível das agressões está num corte profundo rente ao olho esquerdo da vítima, que recebeu quatro pontos no hospital onde foi medicado.

O garçom Celso Baratto acorreu ao local para socorrer seu patrão, que estava estatelado no chão. Ao tentar levantá-lo, Celso foi também violentamente agredido, exibindo como prova diversos hematomas nos braços e nas costas. Celso voltou ao restaurante e pediu à patroa que chamasse o advogado.

Os policiais fizeram Waldemar entrar em seu Passat e o conduziram até o quartel da PM, no bairro M'Boicy. Lá foi ouvido pelo tenente que comanda o destacamento. Daí foi levado à Santa Casa para ser medicado. Tirado do hospital, Waldemar foi conduzido à Delegacia de Polícia Civil sob a admoestação do tenente da PM de que os policiais poderiam tê-lo executado sumariamente no próprio local do incidente com respaldo legal. Disse o tenente que os agentes foram complacentes, pois deviam ter-lhe cortado o pescoço no ato e jogado seu corpo no Rio Paraná!

Na Delegacia de Polícia Civil, Waldemar foi ouvido pelo es-

crivão Homero e indiciado em processo por tentativa de homicídio, não sendo considerados os argumentos e as testemunhas de que tal acusação não procede, uma vez que o indiciado jura que não reagiu aos policiais, nem mesmo depois de agredido barbaramente. Waldemar diz que quando foi bloqueado e espancado pelos policiais estava tranquilamente se dirigindo para o carro com des-

tino à sua residência, como o faz no mesmo horário todos os dias.

Seu advogado, Sérgio Gomes, socorreu-o na Delegacia, conseguindo que fosse liberado às duas horas da madrugada do dia seguinte.

Agora Waldemar da Silva vai ser processado por tentativa de homicídio, ao mesmo tempo em que ele mesmo moverá uma ação judicial para responsabilizar os policiais pelas agressões

injustificadas que sofreu.

Por fim, antes de terminar seu relato, a vítima das agressões acusou ter visto na Delegacia de Polícia Civil "um preso morrendo, aparentemente por estar engolindo a língua" — um indicativo de que teria sido torturado.

Entre uma violência e outra, cada vez fica mais evidente que qualquer organismo policial deve ser temido, mais que respeitado.

JARDIM ALICE

O MELHOR NEGÓCIO PARA TODOS

Compare os investimentos que você pode fazer e escolha aquele que lhe dá o lucro em dobro.

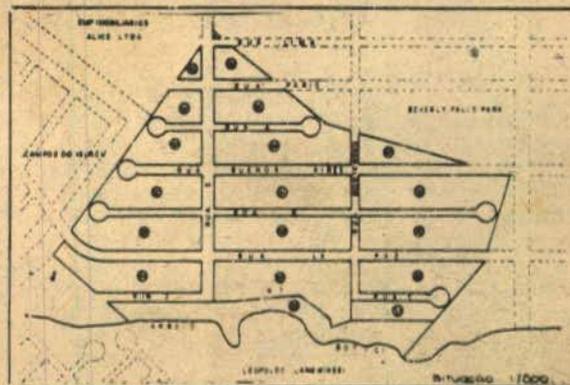
CADERNETA DE POUPANÇA: Nesse último ano a poupança rendeu 51% e a nossa inflação foi de 106%. O dinheiro poupado foi desvalorizado em 55%.

AÇÕES: investir em ações continua sendo como atirar no escuro.

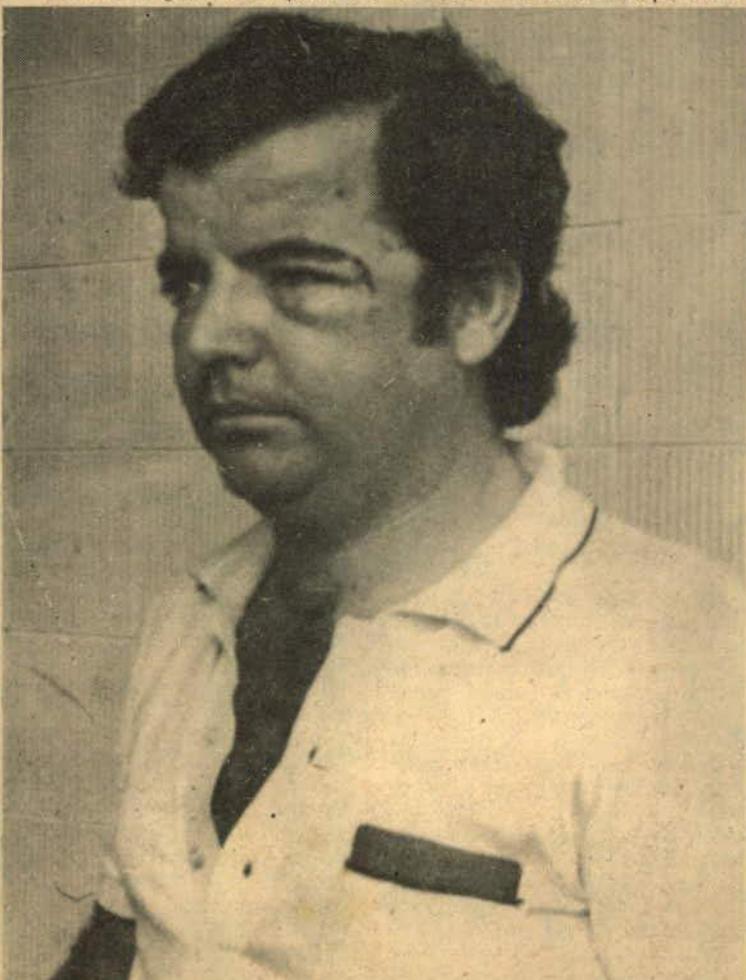
IMÓVEIS: É comprovadamente o único investimento cuja valorização acompanha a inflação. A valorização imobiliária no último ano foi exatamente a mesma da inflação: 106%.

PAGUE EM ATÉ 36 MESES, COM PARCELAS FIXAS NÃO REAJUSTÁVEIS.

Faça uma projeção do futuro. Aplique no Jardim Alice. Localizado do lado do Ginásio de Esportes de Foz do Iguaçu. Asfalto na porta, recreação, esporte, etc



Representante exclusivo: Edson Celante e Corretores Associados - Fone: 74-1107 - Creci 1875.



Waldemar da Silva: Olho inchado e corte acusando agressões policiais.

ITAIPU É CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Miguel Matias, 43 anos, peão da Unicon (União de Construtoras Ltda.), empresa que congrega as firmas consorciadas e contratadas para a construção da hidrelétrica Itaipu Binacional na parte brasileira do projeto, procurou os editores do Nosso Tempo em busca de orientações para não sair do emprego injustiçado. Matias está sendo despedido da obra por ter contraído doenças e defeitos físicos dentro das condições desumanas de trabalho em que foi mantido durante vários anos. O peão trabalhava no assentamento dos milhões de metros cúbicos de concreto de que se orgulham os tecnocratas construtores do "Mausoléu do Faraó" ou "Taipa da Injustiça", conforme denominações



dadas a Itaipu por duas publicações da Comissão Pastoral da Terra (1978 e 1980 respectivamente) denunciando as injustiças cometidas pelo projeto magalomaniaco da hidrelétrica em construção no Rio Paraná pelo Brasil e Paraguai.

A função de intérprete das leis trabalhistas não é propriamente aquela a que se dedicam os editores do Nosso Tempo, que preferiram indicar ao peão um advogado competente e de sua confiança. Para o jornal, os editores aproveitam a oportunidade oferecida por Miguel Matias para realizar um verdadeiro inquérito sobre as condições de trabalho na construção de Itaipu. A descrição dada por Matias é totalmente desedificante para a "maior do mundo".

Juvêncio — Desde quando o senhor é funcionário da Itaipu ou da Unicon?

Miguel Matias — Desde agosto de 1977.

Adelino — Que lhe prometeram quando foi contratado?

Matias — Eu fui fichado como ajudante de pedreiro. Prometeram-me que em 3 meses eu pegaria uma classificação mais alta, como pedreiro, que é minha especialidade. Prometeram também que eu e minha família teríamos toda a assistência médico-hospitalar. Prometeram escola para os filhos e até remédio eles disseram que eu teria gratuitamente. Prometeram também que eu não pagaria a bóia e outras coisas.

Juvêncio — Cumpriram com as promessas ou só engabelaram?

Matias — Cumpriram em parte.

Meus filhos ganharam escola; deram moradia no Conjunto "C" (destinado aos peões) para minha família; ofereceram assistência médica, mas que me adianta isso se agora saio de lá quase surdo, com sinusite e outros problemas de saúde? Prometeram tanta coisa, mas de cara percebi que havia muita enganação. Para começar, me cobraram até os abrigos e equipamentos de segurança obrigatórios para o trabalho. Me deram botas, macacão, capacete, aparelho de ouvido para proteção contra o insuportável ruído das máquinas, mas depois foram cobrando tudo, um pouco por mês que foi sendo descontado na folha de pagamento a título de "material diverso". Agora eles nem mais dão capa de chuva. Então tem que trabalhar na chu-

va, molhado, sem poder parar porque o concreto vem e o peão tem que se mexer.

Juvêncio — Veio a caçamba com o concreto, o peão tem que dar um jeito, senão morre ou perde o emprego.

Matias — Tem que cair matando. Não tem descanso, não. Dormiu um segundo, o cara fica soterrado ou é dedado aos chefes como preguiçoso. Se pegam alguém sentado ou cochilando, despedem sem direito a nada, por justa causa.

Aluizio — Se o vestuário e os equipamentos de segurança são cobrados ao operário, quando ele sai do emprego pode levar consigo o material?

Matias — De maneira nenhuma. Tem que deixar lá na obra! Eu paguei mais de seis mil cruzeiros de "material diverso".

Aluizio — Esse "material diverso" não compreenderia outras coisas? Seria de fato pelos abrigos?

Matias — Só pode ser, porque eu não pedi nunca nada além do que eles mesmos obrigam a gente a usar. Se até a fotografia para o crachá eu paguei, imagine se eles dão alguma coisa de graça!

Adelino — Tem que usar também um protetor para o ouvido?

Matias — Se não usar, fica surdo em dois tempos.

Adelino — Mas esse protetor deve ser sumamente incômodo e deixa o cara tonto, não é isso?

Matias — Ah, é um inferno, com ou sem o protetor. Vai que a gente se acostuma, mas é terrível. A pessoa pode conversar que não se entende. Com isso, nem dá

para conversar durante o trabalho.

Aluizio — Entre o operário e as máquinas há pouca diferença, não é?

Matias — O operário vira uma máquina, senão as máquinas o engolem.

Aluizio — Qual era o seu horário de trabalho?

Matias — Numa época eu trabalhava só de dia, depois passei a trocar turnos trabalhando uma semana de dia, outra à noite.

Juvêncio — Esse regime de trabalho — uma semana de dia, outra de noite — não deixa a pessoa desorientada no regime de alimentação e descanso?

Matias — Muito pouca gente não se queixa disso. Não dá para se acostumar. No primeiro dia da semana em que se começa a trabalhar de dia o cara dorme de

pé; na outra semana, dorme-se em pé na primeira noite. Quando chega o fim de semana e o cara está se acostumando, já é hora de mudar de turno novamente.

Adelino — E a alimentação também fica prejudicada?

Matias — Muito. No início nada apetece. Tem-se que tomar muita água. A pessoa se perde; o organismo não aceita nada.

Juvêncio — À meia-noite dão comida para quem está trabalhando?

Matias — Dão um pãozinho com café e leite, que ninguém toma porque é ruim e faz mal. Além disso, ninguém pode sair do local de trabalho para o lanche. Se alguém sair para o lanche e para descansar um pouco, descontam no ordenado. Trabalha-se direito desde a hora da entrada até a hora da saída porque as máquinas não param e o concreto vem. Na hora do lanche a gente se reveza e não há mais de dez minutos para o lanche.

Aluizio — E quando trabalham de dia, o almoço também é servido no local de trabalho, no meio do concreto?

Matias — Quem trabalha no buraco não pode sair de lá para almoçar. Quer dizer, antes era no buraco; agora é lá em cima porque os diques já estão bastante altos. Mas ninguém pode sair para o almoço. Se sair, descontam a hora na folha de pagamento. E dedo-duro para caguetar não falta.

Aluizio — Não dão pelo menos uma hora de folga para o almoço?

Matias — Dão só o tempo necessário para a gente engolir a comida. Folga se tem só nos minutos em que às vezes demora a caçamba. Os outros têm uma folga, mas quem trabalha no concreto não pode sair do bloco. Caiu o concreto, o vibradorista tem que cair matando. Enquanto uns comem os outros tomam conta.

Juvêncio — Isso é extremamente grave e desumano.

Matias — O que se vai fazer? O ritmo é esse, e quem quer o emprego tem que dançar conforme a música.

em dois turnos. Se todos trabalhassem só dez horas, quem trabalharia nas outras quatro horas do dia?

Juvêncio — Que cacetada! **Adelino** — É um escândalo. Depois nós é que somos os eternos negativistas.

Matias — E ainda se o peão chegar um minuto atrasado três dias no mês, trabalho um dia de graça porque cortam o vencimento de um dia.

Aluizio — E se o peão não vai trabalhar nesse dia que é descontado?

Matias — Ai pode receber o bilhete azul: "Despedido". Se faltar no sábado, perde o vencimento do sábado e também do domingo, mesmo que no domingo vá trabalhar.

Aluizio — Algo assim como na escravidão?

Juvêncio — Bota escravidão nisso. Aí a escravidão está modernizada. E se chegar antes, pagam mais?

Matias — Pagam coisa nenhuma. Mas sempre tem que chegar antes, pelo menos meia hora, para bater o cartão e estar pronto para pegar no serviço na hora certa. Na troca de turno desce um empurrando o outro para não perder o baralho.

Adelino — Dão café da manhã para os que trabalham a noite toda?

Matias — Não dão. Nos dias de dobra...

Juvêncio — O que é "dia de dobra"?

Matias — Toda semana há a dobra. É no fim de semana. Nos outros dias o peão entra às 7 horas da noite e sai às 7 horas da manhã seguinte. Quem entra às 7 da noite de sábado, só vai sair ao meio-dia de domingo, morto de cansado.

Aluizio — É um regime para campo de concentração.

Matias — Sim. E quem entra nesse meio-dia vai sair na manhã do dia seguinte. São 17 horas de trabalho ininterrupto.

Juvêncio — Você não está mentindo?

Matias — E eu preciso mentir?

Adelino — Todas as semanas tem a dobra?

Matias — Todas as semanas. Para quem faltar à dobra descontam 3 ou 4 dias no ordenado.



Regime alimentar assassino

Aluizio — Nesses casos, como é o regime alimentar?

Matias — Bem, se vou trabalhar à noite, janto em casa às 5 horas da tarde. As 6 pego o papa-fila (aquele caminhão que parece um poleiro), lá na Vila "C", onde moro, vou até a obra bater o cartão e 10 minutos antes das sete tenho que estar no local de trabalho. À meia-noite dão o café com um sanduiche, às 5 horas da manhã dão outro café com sanduiche para aguentar até o meio-dia. Chega o caminhão lá embaixo, o feitor manda um da turma buscar as garrafas ou as latas (para quem tem garrafa, senão fica sem café), apanha o lanche e leva para a turma no trabalho. Come-se ali mesmo.

Aluizio — Com essa comida dá para aguentar o serviço?

Matias — É muito fraco. né? Um pão com mortadela ou queijo, só.

Adelino — Ao meio-dia, antes de deixarem o trabalho, servem o almoço?

Matias — Dão o almoço. Dão, não. Tem que ir buscar senão

tem que almoçar em casa

Juvêncio — O período dobrado existe por força do dia de folga que todos devem ter não é?

Matias — É. A folga é dada após ter dobrado o período.

Juvêncio — Então é assim: O senhor entrou, digamos, ao meio-dia de sábado e saiu às 7 horas do dia seguinte. Dorme o dia todo. Quando volta do serviço?

Matias — Volto à tardinha do mesmo dia. Mas às vezes, se eu dobrei (trabalhei 17 horas), e sai ao meio-dia, tenho que voltar à noite no mesmo dia. Só de 8 em 8 semanas o peão tem um dia e uma noite de folga.

Aluizio — É extremamente brutal. Desmascara completamente Itaipu, que se diz fiel cumpridora das leis trabalhistas brasileiras e que diz seguir orientações da OIT — Organização Internacional do Trabalho.

Juvêncio — Era a acusação que faltava contra a "Taipa da Injustiça". Não respeitaram nada.

Matias — O dia de folga que eles dizem é quando o peão larga de manhã cedo e retorna ao serviço à noite do mesmo dia.

Juvêncio — Então são 12 horas de folga, não 24, como manda a lei.

Matias — Só quando se trabalha 17 horas seguidas é que se tem 17 horas de folga. Mas em geral o descanso é de 12 horas apenas.

Juvêncio — Quanto recebe por mês para viver nessa escravidão?

Matias — Eu entrei com seis cruzeiros e noventa centavos por hora, em 1977. Agora estou ganhando cinquenta cruzeiros e noventa e oito centavos por hora.

Juvêncio — Enquanto isso, gente que não faz nada ganha fortunas.

Adelino — Isso no fim do mês, dá quanto?

Matias — Depende do mês. O máximo que tirei até hoje foi vinte mil cruzeiros. Mas, em média, dá pouco mais de dez mil cruzeiros por mês. Se o operário se

atrasa ou falta uma hora ou um dia porque não aguenta o serviço, então o salário desce lá embaixo.

Aluizio — Os médicos e dentistas dão atestado para a dispensa do trabalho quando o peão está doente ou com estafa?

Matias — Dão, mas só em casos extremos. No começo davam atestado por qualquer coisa. Depois cortaram e hoje só dão se o cara estiver morrendo. Como não dão atestado médico, os peões faltam e aí perdem em seus vencimentos.

Juvêncio — É verdade que muitos peões vão ao dentista e exigem que ele lhe extraia dentes sadios ou recuperáveis para assim poderem receber licença de um dia quando estão esgotados?

Matias — Já ouvi histórias desse tipo, sim. Alguns realmente fazem isso.

Adelino — E o dentista extrai e passa atestado?

Matias — Deve ser, né. Existem de fato casos assim.

Aluizio — Essa é uma prática constante entre trabalhadores brasileiros. É para ver o limite a que chegou a selvageria capitalista.



Peão pode ser engolido

Juvêncio — E querem chamar



Regime de escravidão requintada

Juvêncio — Estou muito interessado em saber a verdade sobre o horário de trabalho dos operários na Itaipu. Quantas horas por dia vocês trabalham?

Matias — Quase todos os operários trabalham 12 horas por dia.

Juvêncio — Como? O Costa Cavalcanti nos disse uma vez que o horário de trabalho é de 8 horas, com opção para duas horas extras, não sendo permitido trabalhar mais horas por uma questão de rigorosa obediência às leis trabalhistas, que Itaipu diz respeitar integralmente.

Matias — É uma conversa dele. A obra não pára; o dia tem 24 horas e há só duas turmas

LOTEADORA DOTTO LTDA

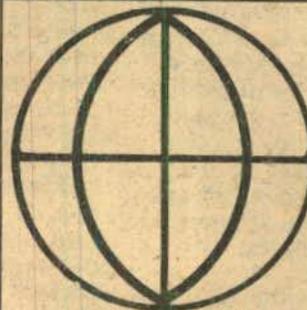


O MELHOR IMÓVEL DA CIDADE

Av. Juscelino Kubitschek, 1295



O tênis desta famosa etiqueta e toda linha de material esportivo você encontra no



Mundo dos Esportes



R. Rebouças, 748.

ao que fazem de progresso. Itaipu é progresso? Então uma bomba na cabeça dos que a planejaram e a dirigem também seria progresso. Estou deprimido com o que estou ouvindo. Nem me sobra ânimo para continuar a entrevista.



O peão é uma ferramenta

Adelino — É revoltante. Mas calma, que deve haver muito mais coisa.

Matias — E como tem!

Juvêncio — Continue. Vou mandar esta entrevista à ONU! É a vez de pôr a boca no mundo, viu? No mundo, não só em Foz do Iguaçu e região onde circula este jornal.

Matias — Bem, preciso contar como é o trabalho lá na concretagem. O concreto vem mole. Cada carga despeja entre 15 a 20 toneladas. Se o peão se desliza ou não tem grande destreza, pode ser engolido pelo concreto. Ai entre em ação o vibrador, operado manualmente. É pesado e produz uma vibração intensa em todo o corpo. É movido por um compressor. No início é uma tortura, depois vai-se acostumando. O vibrador faz água e concreto espirrar no operador e nos que estão por perto. Em pouco tempo fica-se todo molhado para o resto do dia. Além disso, o concreto vem gelado.

Juvêncio — O que é bom. Assim refresca um pouco, porque lá deve ser um calor sufocante.

Matias — Qual nada! Vem uma onda de frio, depois outra quente. É a vez em que o peão pega gripe, sinusite, pneumonia... O concreto entra na bota e se não

retira logo faz ferida, queima a perna.

Aluízio — Você jura que não está inventando história?

Matias — Vocês não querem ir lá experimentar o trabalho só por uma hora para ver se estou inventando?

Aluízio — Deus me livre daquele inferno!

Adeino — Aconteceu algum acidente com o senhor? Pegou doença?

Matias — É justamente por isso que eu vim aqui no jornal. Um dia, para não ser engolido pelo concreto, me agarrei no vibrador, cai e bati a cabeça numa pedra. A partir daí perdi muito os reflexos e a memória. Fiz tratamentos que nada resolveram. Estou quase surdo por causa do tempo que passei trabalhando naquele barulhão infernal. Sofri sinusite também. Tudo isso eu sofri e sofro por ter trabalhado tanto tempo nessas condições.

Juvêncio — E nem pagam um adicional de insalubridade. Os chefes devem achar as condições de trabalho perfeitamente saudáveis.

Matias — Tão saudáveis que eu me estraguei todo trabalhando lá. Mas o mais importante é que agora estou sendo despedido exatamente porque estou doente. Foi no dia 2 de fevereiro deste ano. Quando fui bater o cartão para ir ao trabalho, estava lá o recado: "Despedido". Assim mesmo bati o cartão. Depois comecei me bater para saber por que estava sendo despedido; para fazer o acerto de contas e tratar minha saúde. Até agora não sei que acerto vão fazer. Preciso conversar com um contador ou um advogado. No dia 16 de fevereiro fui ao médico no hospital da Itaipu e ele não quis me atender. Ele me disse: "Como, você não tem mais nada com a firma eu não posso atendê-lo". Respondi: "Antes de sair, quero me curar". E ele: "Não. Pode ficar em outra firma da obra porque prá vibradorista não serve mais".

Aluízio — Existe essa possibilidade de você continuar na obra em outro setor?

Matias — Existe coisa nenhuma. É só uma lenga-lenga para tontear o peão e ele ir embora sem saber por quê.

Juvêncio — Está aí a acusação mais grave nisso tudo. O trabalhador é usado como ferramenta. Na hora em que estraga

ENVELOPE DE PAGAMENTO

25
UNIAO DE CONSTRUTRAS LTDA.

655 - CANT. OBRAS ITAIPU M. ESQ

NOME		R.F. / U.C.		CATEGORIA			
MIGUEL MATHIAS		11289/5		761.06			
SALARIO BASE	REG	SUP	POSTO	CLASSE	AI TRCCAP	DATA	Nº ENVELOPE
6,90	00	68	04	01	0,00	08/77	889

VENCIMENTOS/DESC.	ADIANTE	CONSIG	DIAS/HRS	VALOR
SALARIO NORMAL			40,0	276,00
SALARIO EXTRA			8,0	82,80
ADICIONAL NOTURNO				54,86
SEGURO VIDA EM GRUPO				4,30
MATERIAIS DIVERSOS				43,00
TX. REVERSAO SINDICAL				20,00
FOTOGRAFIAS				35,00
TAXA ALOJAMENTO				37,00
CONTRIBUICAO INPS				33,09

Nos contra-cheques do peão, a salada de taxas que reduz o salário ao ridículo. Por que não pagam adicional de insalubridade?

jogam fora e trocam por outra.

Aluízio — Usam até que produzem; depois despedem. No seu caso, a Itaipu arruinou sua saúde e, sem recuperá-lo, lhe dão a conta justamente em virtude de sua doença. Por que os peões não se organizam, formam sindicato, associação para defenderem-se?

Matias — Se falar nisso lá dentro, vai preso. No mínimo vai prá rua.

Juvêncio — Continue com o papo do médico.

Matias — Pois é, o homem vem com essa de que em 90 dias eu poderia ficar em outro serviço. Eu disse: "Mas, doutor, faz 4 meses que estou querendo me tratar e não consigo. Agora o senhor me recusa atendimento. Como é que vou ficar de novo se não tenho condições?" Resultado: Estou até hoje nessa. Vou sair do emprego e está acabado.

Adelino — Nada mais resta fazer?

Matias — Tenho que me cuidar para não me lograrem no acerto de contas. E é só isso que posso fazer.

Juvêncio — O diabo é que a gente vai publicar essa denúncia, ninguém vai dar bola, ou vão dizer que é tudo mentira, que os construtores da Itaipu estão felizes da vida, orgulhosos de trabalharem na maior hidrelétrica do mundo.

Matias — Quero ver como poderão desmentir isso. Podem consultar os outros peões para ver se é mentira o que estou dizendo.

Juvêncio — Eu sempre suspeitei que é assim. Agora, a certeza. Aliás a Comissão de Justiça e Paz já denunciou as péssimas condições de trabalho da Itaipu, no começo das obras.

Aluízio — Eu quero mais detalhes sobre o trabalho lá no vibrador.

Matias — Aquilo é brabo. Nos primeiros dias o empregado fica arrebatado. Trabalha um dia e no outro tem que voltar ao serviço. Quando levanta da cama, está todo duro e doído.

Adelino — Acontecem muitos acidentes, mortes?

Matias — Acontecem. Eu vi algumas mortes. Mas eles escondem. Se alguém se acidenta, desce uma caçamba pelo cabo aéreo levam embora o acidentado e ninguém fica sabendo que fim levou — se morreu ou não. As vezes saem três ou quatro na ambulância.

Juvêncio — Conta a história de um acidente fatal que presenciou.

Matias — Um dia me mandaram fazer um serviço num lugar em que havia pedras que poderiam cair. Eu disse: "Não, lá eu não vou. As pedras vão cair e eu vou morrer nessa". Não fui. O feitor me disse: "Se não quer ir, então

vá embora". Eu respondi que ia embora, mas não queria morrer. Ai ele mandou mais uns três ou quatro fazer o serviço. Ninguém queria ir. Então o feitor mandou subir prá acertar a conta e ir embora. Nós fomos. Os outros, com medo de perder o emprego, obedeceram a ordem. E, como eu previa, as pedras desabaram e esmagaram três ou quatro.

Juvêncio — Morreram todos?

Matias — Lá não se diz que alguém morreu. Diz-se que ele ficou com São Pedro.

Aluízio — Por que não despediram vocês, os desobedientes?

Matias — Ora, porque viram que nós tínhamos razão. Eu só encontrei ainda um daqueles que foram fazer aquele serviço. Os outros nunca mais vi. Esse que sobreviveu está aleijado por causa do acidente. Foi despedido da firma, é claro. Não sei se foi indenizado, se recebe algum seguro, mas está aleijado. Os perigos numa obra dessas são grandes, inevitáveis.

Juvêncio — Eu mandaria o Costa Cavalcanti trabalhar lá na concretagem porque os magnatas se orgulham dos grandes feitos, mas eles não se expõem aos perigos e salários de fome que pagam aos peões.

Matias — Espera aí. Eu estava esquecendo um negócio. Quando falei das horas de trabalho esqueci de dizer que o peão não para para o almoço. O peão acaba trabalhando 11 a 12 horas, mas recebe só por 10 horas.

Aluízio — Então é mais grave do que pensamos antes. O peão trabalha 12 horas, mas recebe por 10 horas. Com isso, eles vão querer provar pela própria folha de pagamento, vejam bem, que não existem operários que trabalham 12 horas por dia. Roubam e, em cima do roubo, limpam a cara.

Matias — Isso é verdade.

Juvêncio — Que barra!

Adelino — Até hoje nenhum dos responsáveis foi para a cadeia?

Matias — Vão é para o trono.

Aluízio — Mas se o peão se recusa da fazer as 12 horas?

Matias — Perigo perder o emprego, né? Eles dizem que estão precisando. Pedem, e o peão acaba ficando. Não é forçado, mas...

Juvêncio — Pode sair, mas tem que ficar.

Matias — Perfeito. Quando querem mandar um peão embora,

NO PARAGUAI, O MESMO QUADRO DESUMANO

Pouco ou nada se tem falado a respeito do comportamento de Itaipu na margem direita do Rio Paraná, ou seja, no lado paraguaio. Praticamente inexistente no Paraguai a possibilidade de fazer as denúncias toleradas no Brasil. A imprensa daquele país circula amordaçada pelo regime ditatorial de Stroessner. Por outro lado, os trabalhadores de Itaipu não têm a quem recorrer. As autoridades são imperativas. As reclamações respondem com surdez, ameaças ou demissões. Nesse mar de silêncio e omissão, os trabalhadores são explorados e submetidos às mais severas condições de trabalho.

Entre as tantas injustiças ainda não apuradas, uma pode ser posta às claras. Diz respeito ao Serviço de Segurança da Itaipu no Paraguai.

O "Servicio de Seguridad" é uma instituição paramilitar criada por decreto do Poder Executivo, com poderes próprios para oferecer segurança e manter a ordem dentro de Itaipu. Os demais organismos militares e policiais pa-

raguaio não podem interferir ou atuar em Itaipu, salvo quando convidados pelo serviço próprio da obra.

Existem destacamentos que atuam no canteiro de obras, nas áreas habitacionais e em toda a região que será alagada pela represa.

O jornal *Nosso Tempo* levantou as condições em que atuam os cerca de 40 policiais encarregados da segurança das áreas habitacionais de Itaipu no Paraguai, e verificou que eles são submetidos ao seguinte regime: Trabalham 24 horas ininterruptas e têm as 24 horas seguintes de folga. Durante as 24 horas de trabalho não existe o menor período de descanso, nem mesmo para as refeições, que têm que ser feitas no local de trabalho. É massacrante e desumano!

Os funcionários expuseram aos seus superiores o sacrifício que isso representa e as dificuldades que têm para cumprirem seu dever nestas condições. Inútil. O guarda desenvolve principalmente um trabalho físico. Quando está cansado, com sono ou fome, não pode desempenhar a contento sua função, o que oportuniza ásperas críticas dos moradores, que se sentem desprezados. Além de morarem em casas paradisiacas, encontram motivos para se queixarem dos guardas tão maltratados.

Os superiores dos guardas alegam medida econômica para manter os funcionários em tal regime de trabalho.

Os guardas, por sua vez, acrescentam a

queixa de que não dispõem de viaturas suficientes e muito menos armamentos e equipamentos indispensáveis a um bom desempenho. Observam ainda que isso contraria frontalmente o acordo de Itaipu, onde se definiu que haveria uma igualitária distribuição de efetivos (obras, pessoal, remuneração, equipamentos), entre a margem direita e a margem esquerda. Entretanto, o Serviço de Segurança no Brasil dispõe de um efetivo muito maior e mais bem equipado, no setor residencial ao menos, do que no Paraguai.

Mais, os guardas paraguaio acusam que cumprem 120 horas extras por mês, e que recebem apenas por 60 dessas horas. Pior, pela metade do preço. Sabe-se que as horas extras no Brasil são pagas quase sempre 50% mais caras. No Paraguai, além de não pagarem todas as horas extras, as que são pagas valem a metade do preço das horas normais. Desse modo, aqueles guardas trabalham vários dias gratuitamente para Itaipu. É, sem dúvida, um procedimento criminoso, nunca penalizado, é claro.

Os guardas que assim trabalham recebem por mês cerca de 60 mil guaranis (30 mil cruzeiros). Soma irrisória se comparada com o que recebem seus exploradores, e se levadas em conta as horas não pagas, não esquecendo que trabalham 24 horas seguidas sem descanso durante o expediente. Apenas a cada 15 dias é que têm direito a dois dias de folga.

Coisa muito séria.



Para construir o orgulho de alguns, uma multidão é escravizada em Itaipu

os feitores inventam proibições bobas para flagrar o infeliz e despedi-lo



Algumas histórias de horror

Aluizio — Há mais algum horror para contar?
 Matias — Coisa muito feia é também ter que trabalhar debaixo da chuva. Quando chove não tem colher de chá, não. Dão capa, mas ela não veda e fica-se todo molhado. Dá para usar o conjunto, um tipo de macacão bem fechado. Mas não dá para usar porque esquenta demais. Com o conjunto o cara fica todo molhado de suor e sufocado lá dentro. Quase ninguém usa.
 Juvêncio — E o Informativo Unicon vive se vangloriando das condições de segurança da obra!
 Matias — Depois, esse tal de conjunto é muito caro. E eles cobram do peão. Dizem que não cobram, mas no acerto de contas põem lá 'material diverso' — luvas, botas, macacão...
 Juvêncio — Acontecem brigas, algum quebra-quebra?
 Matias — De vez em quando dá uns pegas meio feios.
 Adelino — Conta mais algum fato pitoresco acontecido lá dentro.
 Matias — Fato pitoresco?
 Adelino — É, alguma história impressionante...
 Matias — Lembro de uma vez em que um peão recebeu uma caçambada de concreto em cima, tudo por causa de má informação e uma ordem mal dada por um feitor. Caiu o concreto e o homem desapareceu. Com picareta cavamos até que encontramos seus cabelos. Pelos cabelos o arrancamos de lá. Mas ele estava congelado, durinho. Notamos que o coração dele ba-

tia. Estava vivo! Veio a segurança e o levaram. Se não tivéssemos sido rápidos, ele teria morrido porque o concreto congelado em questão de minutos vira uma pedra.
 Juvêncio — Será que não há alguém sepultado no meio do concreto da barragem já construída?
 Matias — Ah, deve ter.
 Juvêncio — Economia de concreto!
 Matias — É. Poê-se uma substância que faz o concreto endurecer rapidamente. Inclusive, esse concreto pode ser lançado na água que ele enrijece perfeitamente antes de ser desmanchado.
 Aluizio — Tecnicamente, Itaipu é extraordinária. Lastimável que em termos humanos seja um desastre.
 Adelino — Espera aí. Quer dizer que se demoram um pouco, o homem morre embaixo do concreto?
 Matias — Se demorássemos mais alguns segundos, ninguém ia mais tirá-lo de lá. Hoje ele ainda trabalha na obra.
 Adelino — É um herói.
 Juvêncio — Outra história dessas, por favor.
 Matias — Eu vi também um milagre. Um homem que trabalha no britador caiu lá de cima no meio do maquinário. Pasou por uma galeria, foi recolhido por uma correia que o jogou num lugar em que um Terex estava despejando uma carga de pedras. O Terex é um caminhão que transporta umas 80 toneladas por vez. Pois olha, o cara ficou embaixo daquele montão de pedras e não morreu. Parece que ainda trabalha na firma.
 Aluizio — Conta outra.
 Adelino — Vocês querem transformar esta entrevista num festival de sadismo.
 Aluizio — Não é sadismo. Vamos fazer uma devassa na Itaipu.
 Matias — Lembro de outra. Um dia estavam quatro peões conversando à beira da estrada. Passa um Terex com 75 toneladas de carga; o pneu faz espirrar uma pedra que foi direta no peito de um deles. Olha, a pedra abriu um rombo no peito do homem. A morte foi instantânea.
 Juvêncio — Que coisa, hem!
 Aluizio — Já perguntaram se existe muito dedo-duro lá dentro?
 Matias — Não. Mas tem. O cara tem que pisar fininho senão... É a coisa mais finória que eu já vi. Dizem alguns que já viveram em penitenciária, que na Itaipu é vin-

te vezes pior.
 Adelino — O senhor ganha 50 cruzeiros por hora. Há quem ganhe menos?
 Matias — Há muitos. A maioria dos peões ganha uns 30 cruzeiros por hora.
 Juvêncio — Por 30 cruzeiros a hora eu não aceito emprego nem para dormir.
 Adelino — Você é preguiçoso.
 Juvêncio — Preguiçoso, não. Não aceito ser explorado. Isso é que é.
 Aluizio — É verdade que o Serviço de Segurança dá pau, tortura?
 Matias — Já ouvi esse tipo de história, mas não posso dar certeza.
 Juvêncio — Era só o que faltava.
 Adelino — Mas eu sei que já houve tortura na Itaipu.
 Juvêncio — Nossa Senhora do Bom Parto! Falta ainda falar das condições de moradia no Conjunto "C".
 Matias — Eu moro no Conjunto "C", onde as casas têm 12 por 6 metros quadrados. Ali vivem 4 famílias em cada uma dessas casas.
 Aluizio — Já no Conjunto "B", das mordomias, é diferente.
 Matias — No Conjunto "B" mora uma família só numa casa de 15 por 12. Eu sei porque trabalhei construindo aquelas casas. Então, no Conjunto "C" moram 4 famílias numa área menor que uma casa do Conjunto "B" onde mora uma família em cada casa.
 Juvêncio — É a mordomia elevada à enésima potência. Mas eu queria abordar outro assunto — o dos clubes de lazer. Os conjuntos "B" e "A" têm seus clubes com piscinas, praças de esporte e tudo o mais. No "C" também têm?
 Matias — Nada. No Conjunto "C" não existe lazer. Isso é para rico. Além do mais, para que serviria um clube no Conjunto "C" se o peão não teria um minuto de tempo para usar o clube?
 Aluizio — Do ponto de vista moral, Itaipu passa à história condenada por esta entrevista.
 Juvêncio — Mas lá no Conjunto "C" existe o Centro Comunitário.
 Matias — Tem, mas só fazem umas festinhas bobas, umas palhaçadas pensando que a gente é burro.
 Juvêncio — E a escola?
 Matias — A escola até que é boa.
 Adelino — Bem, acho que não podíamos ouvir um depoimento mais revoltante que este. Aconselho a parar para não aborrecer os leitores.

Lee
Levi's
Elvis
Gheto - Gorki

Rua: Almirante Barroso 806
 Fone: 73-2345

Organização Contábil Delta Ltda S/C
Contabilidade - Seguros
Ramo Imobiliário

R. Benjamin Constant, 49.
 Frente ao Fórum — Cx. Postal 277.
 Fone: (PABX) 74-3551.

Casa de Umbanda Joana D'Arc.

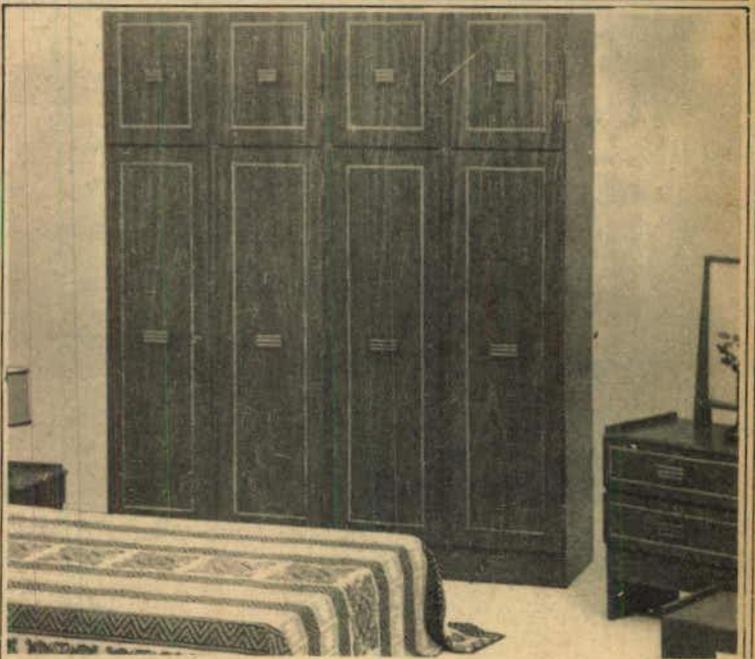
Artigos Religiosos de Umbanda e Candomblé, Pombas, Defumadores, Patuas, Imagens, Fluidos Algidares, Livros e Discos em Geral

FERRO PARA ASSENTAMENTO DE ORIXÁ, EXÚ, ETC...

Travessa 8, 1118
 (Fundos da Est. Rodoviária) Fone: 73-5975 - Foz do Iguaçu — Pr.

O BARRIL
Choparia — Pizzaria
A la carte
Lanches
Aberto dia e noite

Av. Rio Branco, 576 — Fone: 74-2224
 (Frente ao Hotel Salvatti) Foz do Iguaçu.



RUBI MÓVEIS
 Comércio e Exportação de Móveis Ltda.
Móveis novos e usados.

R. Jorge Samwais, 778 — Fone: 74-2283
 Foz do Iguaçu — Pr.

Prefeito tem vergonha de ser coronel?

Ainda, em obediência à expressa determinação legal, solicita o signatário, com o respeito que merece, seja determinado, igualmente, ao Sr. Escrivão ou quem suas vezes fizer, que o posto de CORONEL não integra o cargo de Prefeito Municipal, embora seja o subscritor, militar da reserva do Exército Brasileiro.

Se a parte prefere referir-se, como no caso presente, de forma jocosa e deselegante a uma autoridade constituída, quer por opção política; quer por intenção deliberada de menosprezo ou mesmo por incontinência de palavras escritas, por certo, não deve receber apoio da Justiça e adentrar meandros dos cartórios.

Por isso, e ainda porque a Lei 6.880, de 9 de dezembro de 1980 ao tratar da ética militar, em seu artigo 289., nº XVIII letra "e" veda ao militar, mesmo que em cargo da Administração Pública, se utilize de suas designações hierárquicas.

Assim sendo, ao tempo em que acredita haver prestado as informações devidas, roga à V.Exa. seja determinado a quem de direito que proceda às devidas e necessárias correções, registrando-se, como autoridade coatora o Sr. Prefeito Municipal de Foz do Iguaçu, - tão simplesmente.

Atenciosamente,

ENGº Clóvis Cunha Vianna
PREFEITO MUNICIPAL



Não usem mais o título de coronel, pede o Prefeito.

Talão Perdido

A Americana Móveis, que atende pela razão social de Palmiro Hirt e Cia Ltda, localizada na Rua Portinari S/N, Vila Portes, Foz do Iguaçu, comunica que foi extraviado um talão de Notas Fiscais, Série B1, com números de 901 a 950. O referido talão fica sem valor legal por ter sido comunicado aos órgãos competentes. Foz do Iguaçu, 6 de março de 1981.

RECEITA

A agente da Receita Federal Maria Helenas Antunes Pain perdeu o carimbo de uso funcional. Quem encontrar o carimbo favor devolver para a moça.

A Americana Móveis, que atende pela razão social de Palmiro Hirt e Cia Ltda, localizada na Rua Portinari S/N, Vila Portes, Foz do Iguaçu, comunica que foi extraviado um talão de Notas Fiscais, Série B1, com números de 901 a 950. O referido talão fica sem valor legal por ter sido comunicado aos órgãos competentes. Foz do Iguaçu, 5 de março de 1981.

A Americana Móveis, que atende pela razão social de Palmiro Hirt e Cia Ltda, localizada na Rua Portinari S/N, Vila Portes, Foz do Iguaçu, comunica que foi extraviado um talão de Notas Fiscais, Série B1, com números de 901 a 950. O referido talão fica sem valor legal por ter sido comunicado aos órgãos competentes. Foz do Iguaçu, 4 de março de 1981.

Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu

ESTADO DO PARANÁ

DECRETO Nº 3.774

O Prefeito Municipal de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, e Considerando o Parecer da Procuradoria Jurídica desta Prefeitura,

RESOLVE:-

REVOGAR o inteiro teor do Decreto Municipal nº 3.720 de 30 de janeiro de 1981.

Gabinete do Prefeito Municipal de Foz do Iguaçu, em 17 de fevereiro de 1981.-

ENGº CLÓVIS CUNHA VIANNA
Prefeito Municipal

Através deste decreto o prefeito consertou a sua mancada.

Pelo menos é a conclusão que se pode tirar do teor do ofício nº 98/81 que o prefeito de Foz do Iguaçu, ex-coronel Clóvis Cunha Vianna, enviou ao Juiz Roberto Sampaio da Costa Barros.

Como se recorda, na edição passada publicamos uma matéria com o título "Prefeito dá uma de juiz e cai do cavalo", onde noticiamos que o prefeito fabricou um decreto autorizando o sequestro dos bens de Valdir Catafesta, proprietário de uma garagem de automóveis na Avenida Juscelino Kubitschek.

O decreto do prefeito, totalmente ilegal, foi por água abaixo através de um mandado de segurança impetrado pelo advogado Antonio Vanderli Moreira, a pedido do proprietário da garagem.

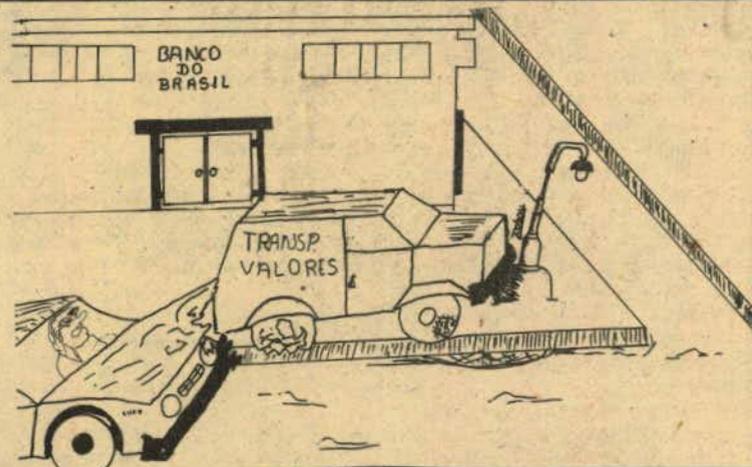
Depois disso o prefeito foi obrigado a devolver os bens de Catafesta e revogar o decreto de araque (ver fac-símile) através de outro decreto, desta vez com o número 3.774.

O curioso, depois de toda essa mancada do ex-coronel Clóvis Vianna, é que no ofício ao Juiz, o prefeito pede que nas próximas vezes não seja usado o título de coronel precedido do seu nome. Teria o prefeito vergonha de ser coronel?

Truculência põe em perigo vidas na Avenida Brasil

Um carro verde, placas LK 4058, daqueles que transportam dinheiro, estava estacionado em cima da calçada em frente ao Banco do Brasil. Uma manobra incorreta do motorista, e o carro não pôde mais sair pelo vão normal sem que fossem removidos alguns carros que estavam estacionados corretamente.

O truculento motorista do caminhão pediu então ao proprietário do corcel II placas PS4007, Mário da Silva Junior: — Tira essa m... daí se



não eu passo por cima. — Por que devo tirá-lo se eu estacionei legalmente?, perguntou Mário.

O motorista do caminhão não titubeou: engatou a marcha e tocou em ciam do corcel e foi empurrando o carro até o meio da Avenida Brasil, diante do olhar estupefato do motorista do Corcel e de transuentes que

passavam por ali. Mário Júnior mandou chamar o Detran, contou direitinho a história e está aguardando as providências cabíveis.

Um transuente que passava por ali comentou:

— Se não tivesse engatado o freio de mão o carro desceria avenida abaixo e poderia matar muitas pessoas.

Vem aí uma nova opção no ramo de construções

CONSTRUTORA GRAMADO

Rua Edmundo de Barros nº 200 - Sobre loja

Choperia Arandela

Chopp
lanches e petiscos

Av. Brasil
Frente a Caixa Econômica.

A verdade sobre o caso Hélio Maurício

Muitas histórias já foram contadas a respeito do sequestro de Hélio Maurício Capelanes. O depoimento a seguir é, talvez, o mais honesto até hoje publicado e foi prestado pelo próprio Hélio Maurício na presença de Alvir Preissner e do professor Joel:

Às 8h30 do dia 3 estacionei meu carro em frente à Loja Fouad Center e entrei na loja para tratar de assuntos relacionados ao meu serviço. Quando retornei, um elemento de cor morena, estatura média, se aproximou, abriu a sua capa e apontou um revólver para mim dizendo:

— **Faça o que eu mandar senão eu te apago aqui mesmo.**

Com o revólver no bolso de sua capa apontado para mim, ele mandou-me entrar num carro que estava estacionado na Avenida JK. Eu não consegui ler a placa, mas sei que era um Opala azul. Dentro havia mais três ele-

mentos: uma moça, um mestiço e o motorista que tinha o apelido de "Bugre". No semáforo um pouco abaixo do Fouad Center eles colocaram um pano com uma substância tóxica no meu nariz e eu perdi os sentidos. Quando acordei estava fora da cidade mas não sei em que local. Daí eles me obrigaram a tomar um líquido e me jogaram no porta-malas do carro. Em seguida a droga fez efeito e eu desmaiei novamente.

"Viajamos várias horas, eu dentro do porta-malas. Vez que outra eu acordava e percebia que com os solavancos que o

Quando acordei estava num quarto com entrada pelo teto.

carro dava minha cabeça batia. Perdia novamente os sentidos. Quando acordei estava num quarto escuro com entrada apenas no teto por onde entrava sol, ar e também chuva.

"Nos primeiros dias os ca-

ras me surravam muito com um chicote. A moça me trazia comida. Lembro que ouvia vozes e barulho de avião. Os caras falavam com frequência para mim:

— **Quando o chefe chegar ele vai acertar as contas com você.**

"Por diversas vezes me davam drogas para ingerir. Eu falava para eles que não deveria

Me surravam com um chicote. A moça me dava comida.

ser quem estavam procurando pois nunca me envolvi com negócios escusos. Não adiantava nada. Eles sempre diziam para eu aguardar o chefe.

"Não sei bem, mas acho que que passarmos mais ou menos uns dez dias, quando chegou o chefe. Eu estava drogado quando ele chegou perto de mim. Via o rosto dele deformado pelo efeito das drogas, mas sei que era um homem de estatura média, cabelos grisalhos e usava barba. Ele ergueu a minha cabeça puxando pelos meus cabelos. Me deu uns tapas na cara e disse:

— **Não é a pessoa que eu quero.**

"Eu estava atordoado mas podia ouvir o que eles conversavam. Estavam discutindo sobre o meu fim. A moça pediu para não me matarem talvez porque dias antes eu falei para ela que tinha mulher e filhos e que a minha mulher estava grávida. Um dos elementos falava espanhol. Ficaram tempo discutindo sobre o meu destino, quando o chefe falou:

— **Não se arrisquem. Dêem a ele o mesmo fim que demos aos outros.**

"Eu estava com a cabeça zunindo, mas sabia que o meu fim estava próximo. Os caras me tiraram daquele quarto. Lá fora

questrado a mando de alguém por motivo de vingança devido a alguns casos amorosos envolvendo gente importante da cidade.

Suspeita-se, também, que uma quadrilha pequena de Foz do Iguaçu, liderada por membros da polícia, teria sequestrado o rapaz com a finalidade de extorquir-lhe dinheiro e depois dar-lhe sumiço. Como as coisas engrossaram, foi inventada a história.

Um fato curioso que merece destaque é quando um agente da Polícia Civil falou a um colega de Hélio Maurício que o rapaz estava na Argentina jogando futebol. Os amigos do jovem foram conversar com o cônsul argentino e este disse que um funcionário da Nestlé (Hélio Maurício trabalha na Nestlé) fora falar com ele uns dias antes e pedira uma autorização para poder jogar futebol na Argentina. (Hélio Maurício também, é jogador de futebol). Os amigos do jovem mostraram então ao cônsul as fotografias de Hélio Maurício e o cônsul disse não se tratar da mesma pessoa. Não havia outro funcionário da Nestlé nesta região e por isso acredita-se que os sequestradores foram até o cônsul para fazer o pessoal procurar Hélio Maurício na Argentina.

O fato é que a história continua muito nebulosa, mas muita coisa poderá ser esclarecida assim que Hélio Maurício voltar à sua condição normal, pois ainda hoje está com as pernas imóveis e bastante perturbado.



Hélio Maurício viveu 16 dias de terror.

parecia tudo meio nublado. Acho que era o efeito das drogas que eu havia tomado. Via uma casa perto do quarto onde eu estava. Era uma verdadeira mansão, cor branca, gramado por perto. Os caras me deram mais um pouco de droga e me jogaram no porta-malas de outro carro. Desta vez era um corcel verde. Lembro ter ouvido a voz da moça dizer a eles:

Lembrem do que eu falei a vocês.

"Não sei quanto andamos, mas quando acordei estava no meio do mato. Estava tudo es-

Acordei no no mato. Estava tonto, com fome, com sede...

curo, eu estava apavorado, tonto, com fome. Achei que eles estavam escondidos atrás das árvores esperando eu correr para atirar. Assim mesmo comecei a correr pelo meio do mato. Andei muito, talvez uns dois ou três dias, não sei, porque eu perdi os sentidos por várias vezes. Minha cabeça e minhas costas estavam doendo muito. Depois de andar bastante eu vi uma luz lá longe e comecei a caminhar em sua direção. Não sei o horário, mas acredito que era por volta da meia-noite. Mais tarde fi-

quei sabendo que já tinham se passado 16 dias. Quando cheguei na cidade, umas pessoas notaram o meu estado e me deram pão para comer e água para beber. Eu estava em péssimas condições, calça suja, camisa na mão. Pedi para eles me levarem até a Delegacia e fiquei sabendo que estava em Eldorado, no Mato Grosso. Quando cheguei na Delegacia, vi policiais civis e militares. Pensei comigo mesmo: graças a Deus. Pedi para eles telefonarem a Cascavel e avisar meus familiares, amigos e a polícia daquela cidade. Eles vieram me buscar imediatamente."

NOSSO TEMPO: Para anunciar disque 74-2344



Governador, Prefeito, Deputados. - Todos atrás de Hélio Maurício.

No dia seguinte ao desaparecimento de Hélio Maurício, seus amigos radicados em Foz do Iguaçu e Cascavel encetaram incansáveis buscas, seguiram as mais diversas pistas na tentativa de encontrar o jovem.

Um pouco antes do jantar realizado no Hotel Bourbon em homenagem ao presidente da Embratur, um amigo de Hélio Maurício reuniu o prefeito Clóvis Vianna, os deputados Antonio Mazurek e Tércio Albuquerque e o "ministrelho" Wilson de Souza Aguiar.

Na ocasião, esse jovem — que milita numa emissora de televisão da região Oeste — teria pressionado essas autoridades a tomar atitudes enérgicas para elucidar o caso. Na mesma noite o deputado Tércio Albuquerque telefonou ao delegado Raimundo Nonato Siqueira e cobrou dele um maior empenho para localizar o jovem sequestrado.

No dia seguinte, o prefeito Clóvis Vianna telefonou ao governador Ney Braga solicitando

sua interterência junto à Secretaria de Segurança. Ney Braga, que a essas alturas já ouvira também o pedido de Antonio Mazurek e Tércio Albuquerque, telefonou imediatamente a Foz do Iguaçu, onde falou com o seu delegado de confiança, Raimundo Nonato Siqueira.

Ney Braga teria dado três dias para Siqueira solucionar o caso. Venceu o prazo e Hélio Maurício não foi localizado. O governador determinou, então, que o diretor da Polícia Civil, Luiz Chemim Guimarães, se deslocasse até Foz do Iguaçu para acompanhar de perto as investigações.

Não se sabe qual foi a participação do ministro Wilson de Souza Aguiar. O fato é que o empenho de todas as autoridades foi em vão, pois Hélio Maurício não foi localizado, e Chemim Guimarães retornou à capital do Estado de mãos vazias.

MUITA CONFUSÃO

Há quem afirme que Hélio Maurício não foi confundido com outra pessoa. Ele teria sido se-

A CHOUPANA

Churrascaria

Lanches Sucos

Canjas Dobradinha

Salada de frutas

com sorvete



Atendimento

24 horas por dia

Amplio estacionamento

**Av. Cataratas, 78
(Antiga Fruteira D. Xepa)
Fone: 73-3738**

FOZ CAIU NA GANDAIA

Samba, suor, muita cabeça feita, o povo em festa. Beleza!

Veja nas 6 páginas seguintes



Folia no Oeste Paraná Clube

O samba não dá folga aos foliões que fazem a festa no Oeste Paraná Clube. Omar Tosi, presidente, diretoria e sócios mostraram outra vez como se prepara um clube para o povo vibrar nos dias de sua maior festa - o Carnaval.

As Belezas de Foz do Iguaçu distribuíram-se pela cidade, e o P.P.C. ficou realmente com grande parte do melhor. Quanto corpo! Que luz! Que cor e som! O sorriso, a alegria, centenas e centenas de garotas fofinhas... Pernas ao vento pulando samba do amor e da amizade. Todos chegando mais. De corpos suando um para o outro ao embalo da liberdade ritmada pelo samba.

Cabeças feitas, arejadas, de gente se libertando. Lindo!

Whiscadão com muito calor

Na Discoteca Whiscadão o Carnaval está com tudo o que o folião busca nos dias da festa máxima do povo. Lugar para amar e beijar. Pistas para todos os sons e ritmos. Gente, muita gente suando o forte calor iguaçuense em sua temperatura de dentro e de fora das pessoas.

As noites de Carnaval do Whiscadão têm menos luz e mais amor. As pessoas se vêem menos e se sentem mais. Menos roupa, mais beleza.



Country Clube impecável

De todas as belezas, belezuras, fofuras da cidade, o Country Club não se contentou com a sua parte. Com sua organização e o requinte do ambiente fez vir de todas as partes o belo-corporal.

Uma loucura!

A sede do Country, inteiramente remodelada e ampliada pela administração joinha do Narciso Valiatti, encheu-se de sonho e fantasia (tão bem desenhada na decoração do Salão de Festas).

Demais! A música, o pessoal, os recepcionistas — tudo no seu lugar — Beleza!

O Carnaval/81 do Country vai deixar saudade em todos os que escolheram este Clube para os melhores dias do ano.

Como seria melhor a vida se todos os dias fossem sempre mais carnavalescos!?



Country Club/Continuação

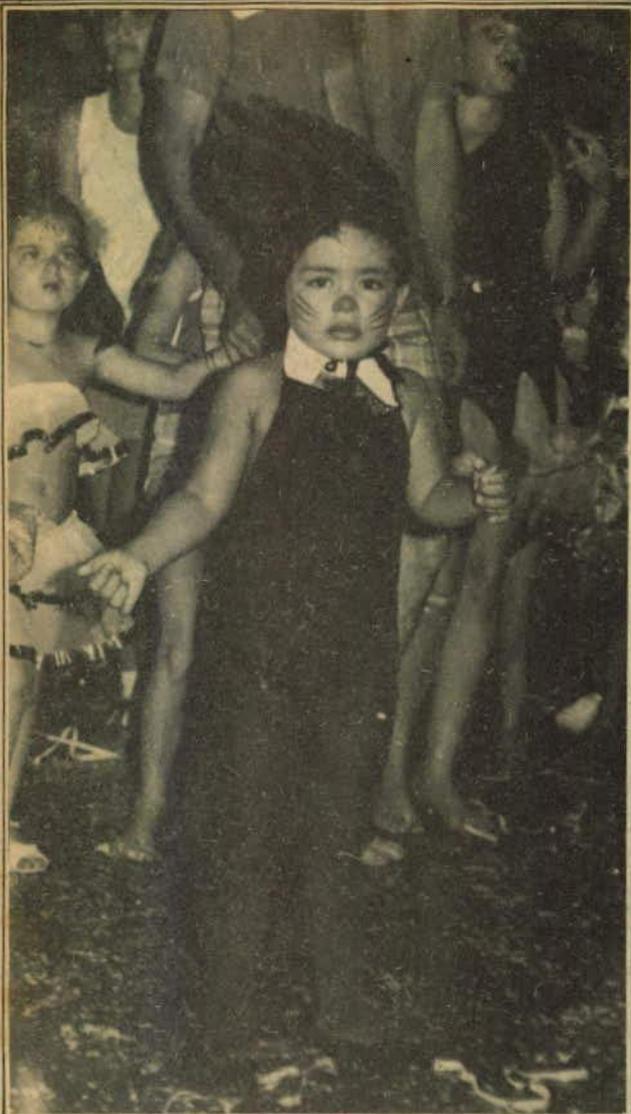


Country Club/Continuação



Gresfi - um mundo colorido.

A folia no Gresfi começou sexta-feira. Com o salão repleto, o clube da JK inaugurou sua programação para "Festa do Momo". Gente bonita e animada deu o toque humano a uma festa incrementada de luz e cores. Mas quem deu ritmo ao grande baile da primeira noite de Carnaval foram as maravilhosas músicas instrumentadas pela orquestra. Samba e marchinhas inspiraram os foliões e dançaram até alta madrugada numa demonstração de que o Carnaval é festa do povo. Com o baile de sexta-feira, o Gresfi deu uma demonstração de organização e beleza.



Carnaval com toda força no "Floresta".

O Carnaval abriu as portas do Clube Floresta com alegria total. "Quanto sorriso, oh, quanto alegria..."

Todo mundo no embalo.

Gente de todas as raças, das mais desconhecidas procedências, congregados ao redor de Itaipu, gente diferente se encontrando e vivendo em perfeita integração.

No trabalho e na festa.

Blocos animadíssimos, fantasias, roupas bem boladas fizeram o Carnaval do Floresta realmente não se contentou com pouco, e fez uma folia à altura! Parabéns ao Presidente, à Diretoria, sócios, e a todos os que fizeram esta boa escolha: Pular o Carnaval no Floresta.



Olha o melhor da festa!

O detalhe, entendeu? Ólha o detalhe. Depois de uns lances e "lanças", sempre há aquele algo mais... Uma comédiazinha aqui, uma gordurinha à mostra, o bum-bum que o Brasil viu primeiro...

